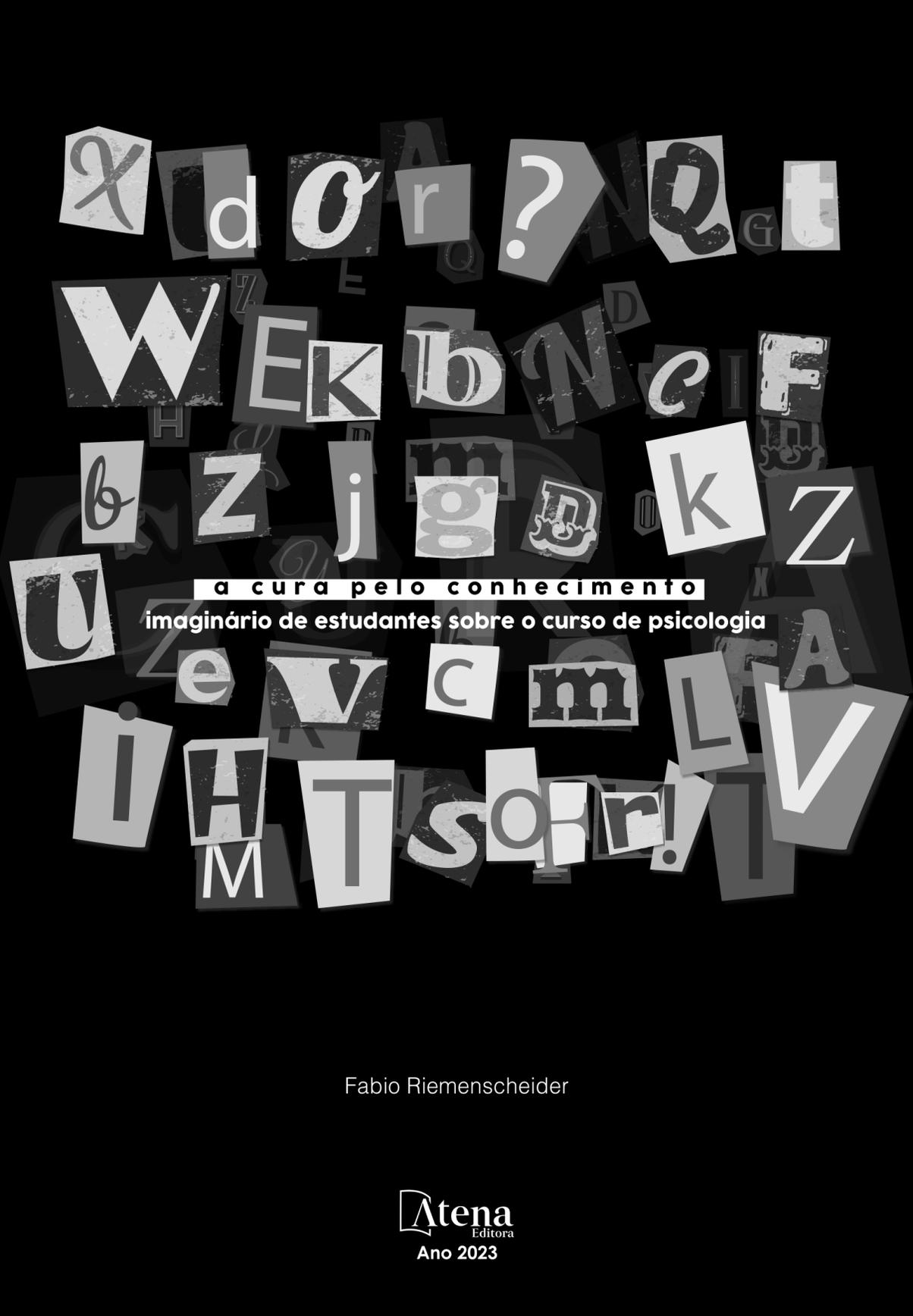


**a cura pelo conhecimento**  
imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia

Fabio Riemenscheider



**a cura pelo conhecimento**  
imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia

Fabio Riemenscheider

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

**Capa**

Paulo Gustavo Sarges

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia  
 Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora  
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Profª Drª Natiéli Pivoesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /  
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## A cura pelo conhecimento: imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia

**Diagramação:** Ellen Andressa Kubisty  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** O autor  
**Autor:** Fabio Riemenschneider

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
R556	Riemenschneider, Fabio A cura pelo conhecimento: imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia / Fabio Riemenschneider. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1753-8 DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.538232408">https://doi.org/10.22533/at.ed.538232408</a>  1. Psicologia. I. Riemenschneider, Fabio. II. Título. CDD 150
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção do respectivo manuscrito, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Agradecer é sempre difícil, já que num trabalho como este, há a colaboração de muitas pessoas. Muito obrigado a todos que participaram deste momento de minha vida.

Agradeço de forma particular:

Aos meus pais, Willy e Dilma que torcem pelo meu sucesso.

A Juliana, minha esposa, pelo estímulo, alegria, paciência e carinho, principalmente nos momentos mais delicados da elaboração deste projeto.

A Tânia, minha orientadora, que participa de minha vida acadêmica desde a banca de meu mestrado. Nos encontramos após 21 anos e me orgulho muito do convívio, das exigências, da atenção e compreensão que sempre teve comigo.

Aos colegas psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, advogados, odontólogos, educadores físicos e outros profissionais, que ajudei a formar, e que também me formaram.

Ao Casalinho, amigo, grande incentivador desta empreitada e colega das viagens semanais para Campinas.

Aos amigos da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Poços de Caldas).

Agradeço a UEMG e agências fomentadoras (Fundap, CNPq, CAPES, PAPq/UEMG, PQ/UEMG e FAPEMIG) pelo apoio desde o início de minha carreira.

A Alana, que ajudou na leitura e revisão do texto, pesquisadora sempre atenta e crítica.

Ao grupo de pesquisa, que torna os encontros das sextas-feiras alegres e produtivos.

A professora Jussara Galindo, que teve a sensibilidade de perceber a riqueza da produção dos alunos.

Este livro investiga psicanaliticamente o imaginário de estudantes de psicologia sobre o curso de graduação. Justifica-se por lançar luz sobre os motivos pelos quais a profissão é escolhida, fato que, a nosso ver, merece ocupar a atenção dos professores, instituições de ensino, psicólogos e da sociedade. Organiza-se, metodologicamente, segundo procedimentos investigativos que operacionalizam o uso do método psicanalítico a partir da perspectiva da psicologia concreta blegeriana.

Trabalhamos com narrativas autobiográficas, publicadas por alunos ingressantes de uma faculdade particular e, após sucessivas exposições a este material, usando o método psicanalítico, ou seja, associação livre e atenção flutuante, permitiram a produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocional: “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento”.

O primeiro define-se pela crença de que o curso de graduação em psicologia pode proporcionar alívio para o sofrimento emocional, enquanto o segundo surge como um detalhamento do anterior, ao firmar-se sobre a crença de que a cura, nesta área, seria obtida por via da aquisição de conhecimento.

Esse quadro permite concluir que predomina, entre os participantes, uma experiência de sofrimento, cuja cura seria viabilizada pela formação em curso superior.

Cabe a nós, profissionais, formadores e pesquisadores da área da psicologia, conhecendo essa situação, oferecer as melhores condições para que o curso seja bem aproveitado por todos os estudantes. Espero que este livro possa contribuir para isto.

Abçs

FR

No ano de 2010 assumi a coordenação do curso de psicologia de uma faculdade particular que se instalou no sul do estado de Minas Gerais. Tal convite foi motivo de grande satisfação, pois indicava um reconhecimento profissional relativamente rápido, já que morava na cidade há apenas quatro anos.

A faculdade vivia tempos inaugurais. Cabia-me trabalhar nas fundações da estrutura, selecionando professores, comprando livros, montando laboratórios e cuidando de uma série de atividades burocráticas. A formação da primeira turma trouxe alegrias, pois um importante passo inicial tinha sido dado, de modo que o curso de psicologia se tornara uma realidade.

No início, estive mais ligado a atividades de gestão acadêmica do que a tarefas especificamente pedagógicas. Essa posição institucional veio a permitir um contato privilegiado com os colegas, que comigo partilhavam ideias sobre as disciplinas de que se tornavam responsáveis, enquanto, paralelamente, convivia bastante com os alunos. A dedicação e entusiasmo de todos, com vistas a garantir o sucesso da faculdade, somado ao fato de fazermos parte do curso inaugural de psicologia, tornava o ambiente da coordenação um espaço de interlocução.

As conversas com os professores encarregados de diferentes disciplinas, bem como participação em discussões produtivas sobre seus planejamentos, durante as quais tive oportunidade de compartilhar suas experiências e perspectivas para o curso que se iniciava, constituíram-se como oportunidade para aprendizagens significativas, que contribuíram para meu amadurecimento como docente do ensino superior.

Dentre as ricas experiências lá vividas, destaco aqui, a possibilidade de acompanhar o planejamento pedagógico da disciplina intitulada Metodologia Científica, cuja professora exerceu seu papel de educadora com sensibilidade e competência, não se limitando ao mero cumprimento do conteúdo programático preestabelecido. A seu ver, valia a pena conhecer melhor os alunos da psicologia através de produções escritas: os memoriais. Assim, integrou de modo bastante feliz a introdução à pesquisa científica com uma sensibilização do estudante em relação ao trabalho da escrita. Inteligentemente, ao propor uma temática muito concreta e próxima, de narrativa do próprio percurso, favorecia que a comunicação textual fosse descoberta ou redescoberta como atividade preche de sentido. Tornar tal proposta uma atividade avaliativa final da disciplina, demandando que cada um produzisse seu memorial, revelou-se uma estratégia pedagógica bastante produtiva. Os frutos dessa proposta ultrapassaram as expectativas da professora, pois os alunos, que se sentiram profundamente motivados, dedicaram-se com intensidade à elaboração dos memoriais.

O envolvimento entusiasmado dos alunos com a elaboração dos memoriais foi tema de uma interessante conversa que tive com a professora que,

nesta ocasião, manifestou o desejo de que eu lesse algumas produções, pois acreditava que aquele material documentava um momento importante daquela primeira turma.

Ao ler os memoriais, deparei-me com textos interessantes e pungentes que revelavam questões absolutamente pessoais e íntimas que, segundo seus autores, teriam contribuído para a escolha da graduação em Psicologia. Alguns escritos eram explícitos ao relatar preconceitos sexuais, físicos e raciais como preponderantes para a escolha da profissão e sua área de atuação. Além disso, traziam à tona algo que é comentado com frequência, em muitos círculos, sob formas que variam entre o crítico e o humorístico: será que parte dos ingressantes no curso de Psicologia está na faculdade para solucionar seus próprios problemas emocionais?

Tais afirmações carregam preconceitos pessoais, generalizações equivocadas e uma visão estereotipada sobre a psicologia, seus instrumentos de trabalho, suas abordagens teóricas e suas áreas de atuação. Cabe, contudo, indagar: o que encontraríamos caso examinássemos atentamente o que nos dizem alunos que ingressam em faculdades de Psicologia? Será que nos depararíamos com situações em que tais afirmações encontram respaldo?

O material produzido pelos alunos realmente era precioso por revelar tais questões, pois se apresentava como registro visivelmente significativo de uma experiência vivida. O gesto da professora, tornando-me leitor desse material, apontava para o fato de que toda aquela produção solicitava outros olhares, surgia como manifestação que demandava escuta e diálogo para além daquele primeiro âmbito, constituído por uma disciplina específica. Por isso, decidimos conversar com os alunos sobre o destino a ser dado a um material cuja leitura poderia beneficiar futuros colegas e professores da instituição. Por motivos que desconhecemos, o grupo de alunos interessados nessa empreitada reuniu um número menor do que aquele dos matriculados que cumpriram a tarefa de elaboração dos memoriais como critério de avaliação de disciplina. Entretanto, aqueles alunos que seguiram interessados, revelaram-se bastante motivados, o que foi determinante para a decisão que tomamos conjuntamente.

Assim, após uma série de encontros com aqueles que se mantiveram envolvidos, decidimos organizar a produção narrativa dos alunos num volume único e deixá-lo na biblioteca da faculdade. Neste contexto, de entusiasmo e valorização da comunicação sobre os percursos vividos, veio a surgir a ideia de publicar um livro.

Vale destacar que uma forte e profunda convicção de que me encontrava frente a um material que merecia maior atenção, despertaram o interesse em investigar o que tinha em mãos. Assim, vim a conceber uma proposta de

pesquisa aproveitando uma oportunidade, na qual se articulam, com felicidade, várias convergências: estar na posição de coordenador de um curso inaugural; poder valorizar experiências de vida, a minha própria e a dos autores das narrativas; e, finalmente, ter em mãos um material a ser pesquisado que tinha sido produzido sem a intenção de se tornar objeto de investigação – o que pode torná-lo precioso. Pode-se dizer, parafraseando Fabio Herrmann [1979]/(1991), que esse material surgiu e foi levado em consideração.

Esta é a história deste projeto, que veio a ser acolhido como proposta de pesquisa de doutorado, no âmbito de um grupo que investiga experiências emocionais e imaginários coletivos. Lá encontrei, na interlocução com todos os seus integrantes, um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento desta investigação, que me traz fundamentação teórico-conceitual e metodológica que permitiu utilizar minha formação psicanalítica na pesquisa empírica.

As narrativas produzidas pelos alunos para uma disciplina curricular despertaram minha atenção, enquanto psicanalista, que naquele momento ocupava o papel de coordenação de curso. Minha função, naquele momento, era permitir que fosse oferecido aos estudantes, a melhor condição para sua formação profissional.

Ao ler o material, percebi que havia demandas que deveriam ser devidamente consideradas na formação de futuros psicólogos, o que me levou a investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre o curso de graduação que escolheram fazer. Esperamos que estas reflexões contribuam na discussão sobre a formação, desejos, necessidades e demandas dos profissionais da área da psicologia.

<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>A ESCOLHA DO CURSO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>DEBATE SOBRE O TEMA .....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>A PESQUISA PSICANALÍTICA.....</b>	<b>10</b>
Condução .....	10
Método e enquadramento.....	11
Pesquisa psicanalítica.....	12
Narrativas como condutas .....	15
Imaginários coletivos .....	16
Campos de sentido afetivo-emocionais.....	17
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>BUSCANDO A CURA PELO CONHECIMENTO .....</b>	<b>24</b>
Campos de sentido afetivo-emocionais.....	24
Interlocuções reflexivas .....	24
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>
<b>SOBRE O AUTOR.....</b>	<b>44</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>45</b>

## A ESCOLHA DO CURSO

A escolha por determinado curso é comumente atribuída a um gosto pessoal ou certa habilidade para determinada atividade, por exemplo: gostar de animais leva as pessoas a estudarem medicina veterinária ou a facilidade em fazer cálculos está por traz da escolha de engenharia. No caso da psicologia, é comum ouvirmos ironicamente que tal escolha é uma tentativa de resolução dos próprios problemas. Será que tais comentários e ironias merecem ser estudados?

Este trabalho se insere num debate mais amplo que discute a psicologia como profissão e sua identidade profissional. A regulamentação da profissão se deu com a lei nº 4119/62, que reconhece a psicologia como profissão e exige que a partir daquele momento todos os psicólogos devem ser diplomados em cursos superiores de psicologia. A regulamentação foi um avanço, pois determinou quais os passos para se tornar psicólogo e como dá-los, já que antes de 1962 o exercício da psicologia era de ordem prática na atuação em hospitais, como aplicadores de testes ou como orientadores vocacionais (CATHARINO, 2004).

Sylvia Leser de Mello Pereira foi uma das primeiras psicólogas a se preocupar com as atividades profissionais e com a identidade do psicólogo. Sua tese de doutorado *As atividades profissionais e o psicólogo em São Paulo*, defendida na Universidade de São Paulo em 1972, discute exatamente a psicologia como profissão. Esse trabalho é significativo tanto pelo rigor com que discute seu tema, como também por falar de uma profissão tão jovem quanto a psicologia, com apenas 10 anos de idade, num momento histórico e conturbado como o regime militar (1964-1989). A tese foi publicada em 1975, mesmo ano em que a autora produziu um artigo sobre a tese (PEREIRA, 1975).

O texto é particularmente interessante de se ler nos dias de hoje dadas as diferentes condições entre os dois momentos. Seus dados foram obtidos a partir de informações oferecidas por todos os psicólogos diplomados na cidade de São Paulo até o ano de 1970. Naquela ocasião havia apenas três cursos de psicologia na cidade: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae e o da Faculdade de Filosofia São Bento, foram pesquisados 198 psicólogos, que responderam sobre a atuação profissional deles assim que terminaram o curso e no momento em que a pesquisa foi realizada.

Os resultados mostraram que a psicologia clínica era a área de trabalho que ocupava a maior parte dos psicólogos pesquisados (52%). Vários aspectos ajudam a compreender tal resultado como a pouca oferta de trabalhos disponíveis para esses profissionais naquele momento, pouco interesse de autoridades por cursos que atendessem às demandas sociais num momento político conturbado de nossa história e a falta de infraestrutura nas áreas da saúde e social.

Para Pereira (1975), a limitada oferta, ou quase inexistência, de serviços psicológicos públicos faz com que a prática clínica seja seletiva àqueles que podem pagar por tal

serviço, o que torna a psicologia uma atividade de luxo ou supérflua. Segundo a autora, ser considerado um profissional de luxo transmite conteúdos ideológicos residuais que implicam uma concepção de psicologia alheia às instituições sociais e devotada apenas a questões individuais.

Em 1988, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) realizou uma pesquisa, de apreciável magnitude sobre a profissão no Brasil. O trabalho pioneiro de Bastos e Gomide (1989) sobre a atuação e formação do psicólogo brasileiro revelou dados interessantes ao analisar os motivos apontados pelos psicólogos para a escolha do curso. As respostas foram divididas em três grandes blocos: razões pessoais, razões humanísticas e motivação voltada à profissão.

Os entrevistados davam um peso elevado para as chamadas “razões pessoais”, em que destacavam “motivos voltados para si” como, por exemplo, obter autoconhecimento e crescimento pessoal ou solucionar problemas. Também foram relatadas “razões humanísticas”, em que a escolha é relacionada a “motivos voltados para o outro” com o objetivo de como conhecer ou ajudar o ser humano. Esse tipo de resposta supera os que alegam ter escolhido o curso por “motivos voltados para a profissão” (BASTOS; GOMIDE, 1989, p. 6)”. Tais dados sustentam a hipótese de que a escolha do curso de psicologia se relaciona com uma busca pela resolução dos próprios problemas.

No mesmo trabalho é discutida a formação complementar dos psicólogos após sua formatura. Segundo Langenbach e Negreiros (1988), tal complementação não se restringe apenas à aquisição de saber, mas inclui o aperfeiçoamento da própria personalidade através de psicoterapias. Por trás desta necessidade está a convicção de que o fracasso profissional está relacionado a dificuldades de caráter emocional, que interferem no principal instrumento de trabalho do psicólogo: sua personalidade. (LANGENBACH; NEGREIROS, 1988)

Magalhães *et al.* (2001) realizaram um estudo abrangente sobre a escolha da psicologia como profissão com 146 alunos do primeiro ano da faculdade. Metodologicamente dividiu-se em três etapas com a utilização de diferentes instrumentos para coleta de dados em cada uma das fases: uma entrevista com roteiro preestabelecido, um questionário aberto e um protocolo com frases incompletas para serem concluídas pelos estudantes. Os participantes estudavam em uma mesma universidade privada, com exceção dos da terceira etapa, em que parte deles estudava no primeiro ano de uma universidade pública. Cada grupo de alunos participou apenas de uma etapa. As respostas foram trabalhadas a partir da análise de conteúdo de Bardin (1979) em que são identificados grandes núcleos de sentido nas respostas obtidas.

Nas duas primeiras etapas, os motivos apresentados para a escolha da psicologia como profissão foram: desejo de ajudar (75%), busca de crescimento pessoal (20%), fascínio pelo conhecimento psicológico (62,5%) e busca de competência interpessoal (22,5%). (MAGALHÃES *et al.*, 2001)

Na terceira etapa da pesquisa, em que os alunos tinham de completar as frases, os dados são ainda mais significativos. A frase: “*A procura pelo curso deve-se a...*” teve o conteúdo autoajuda como resposta mais frequente tanto na universidade privada (28,3%) quanto na pública (47,4%) (MAGALHÃES *et al*, 2001). O primeiro número chama a atenção, porém o segundo é surpreendente, principalmente se levarmos em conta que nas universidades públicas estudam alunos que, teoricamente, são considerados melhor preparados do que os estudantes das universidades privadas.

Em 2022, o CFP publicou um censo que se propôs a conhecer melhor os profissionais do país. Responderam ao questionário 20.177 psicólogos. Em artigo que discute a escolha da profissão, Gondim e Barros (2022) identificam motivações internas e externas que determinam a opção pela formação em psicologia. Entre os fatores externos estão elencados em ordem crescente: 1) o interesse pela remuneração; 2) as oportunidades no mercado de trabalho; 3) influência familiar ou de amigos; 4) reconhecimento social da profissão; e, por último, 5) o contato prévio com outros profissionais da área. Entre os fatores internos são destacados, também em ordem crescente: 1) aumentar o autoconhecimento; 2) ter habilidades pessoais; 3) vocação pessoal; 4) desejo de ajudar as pessoas; 5) admiração pela profissão; e 6) interesse nos temas da área.

Destaca-se no estudo que os fatores internos são os que exercem mais influência na escolha profissional, o que segundo os autores, mantém as tendências encontradas nos censos anteriores. Destacamos também que nos últimos 5 anos, o curso de psicologia tem sido cada vez mais concorrido nos vestibulares nas principais universidades do país.

No entanto, nos chama a atenção o fato de que a opção “aumentar o autoconhecimento” continue sendo mencionada pelos psicólogos, mesmo já tendo concluído o curso. É importante lembrar que Gondim e Barros (2022) falam dos profissionais da área da psicologia, diferentemente da pesquisa de Magalhães *et al*. (2001) que investigaram estudantes do primeiro ano do curso. Apesar da diferença da formação, de experiência de vida e profissional, o autoconhecimento ainda é um fator importante para a escolha do curso de psicologia.

Nesta perspectiva, consideramos que os resultados de estudos feitos num intervalo tão grande (BASTOS; GOMIDE,1989; MAGALHÃES *et al*, 2001; GONDIM; BARROS, 2022) mostram que nossa indagação sobre a escolha do curso de psicologia como busca pelo autoconhecimento e, eventualmente, como uma tentativa de resolução de problemas pessoais continua merecendo atenção por parte dos psicólogos. Consideramos que a escolha profissional é uma manifestação humana que faz parte da trajetória vital e não deve ser isolada das condições concretas que lhe sustentam. Assumimos a perspectiva de Bleger [1963]/(1984) que o objeto de estudo da psicologia são as manifestações humanas concretas, considerando seu ambiente, sua condição social e suas experiências vividas. Bleger (1984) chama essas manifestações de conduta de conceito forjado a partir da noção drama, proposta por Politzer [1928]/(2004).

Segundo Barreto e Aiello Vaisberg (2007), a escolha profissional interfere com o estilo de vida do jovem que escolhe e permeia tanto sua possibilidade de satisfação laboral como a de satisfação pessoal. O problema da satisfação laboral e pessoal, a que se referem as autoras, deve ser pesquisado com atenção, pois, se levantamos a hipótese de que a escolha do curso de psicologia está vinculada a uma busca de resolução dos próprios problemas, a chance de ocorrer uma insatisfação laboral e/ou pessoal aumenta consideravelmente.

Se com nossa pesquisa pudermos lançar luz sobre quais os motivos que levam a escolha do curso de psicologia, poderemos trabalhar psicoprofilaticamente e evitar o aumento da insatisfação laboral e/ou pessoal.

Nesse sentido, nossa pesquisa sobre a escolha pelo curso de psicologia vai além de discussões sobre a busca pela resolução dos próprios problemas, mas sim na compreensão de como tais problemas podem interferir ou até ajudar na sua prática profissional, já que esta o situa concretamente no mundo, na comunidade, na sociedade. Vale enfatizar que uma formação profissional adequada visa, em última instância, contribuir de algum modo para a transformação da vida social. Para isso, os futuros psicólogos têm de estar preparados para assumir as responsabilidades inerentes a este exercício profissional.

### DEBATE SOBRE O TEMA

A produção científica aborda a questão da escolha do curso de psicologia ao redor de três eixos principais: a orientação profissional, as influências socioeconômicas e a identidade profissional. Tal variedade de temas e sua complexidade demonstram que o assunto não deve ser considerado isoladamente. Longe de querer esgotar o tema, nossa proposta é considerar dialeticamente a produção contemporânea, assumindo que todo método é um recorte do fenômeno, num dado momento e em determinadas condições.

O uso da expressão orientação vocacional ou orientação profissional é controverso para os pesquisadores. Alguns optam por utilizar orientação profissional por considerá-la funcionalista, contextualista e diretiva, o que permite a realização de uma análise de contingências mais consciente no processo decisório de escolha profissional (BOHOSLAVSKY, [1979]/(1987); MOURA; SILVEIRA, 2002; SOUZA *et. al.*, 2009; FEIJOO; MAGNAN, 2012). Outros preferem a expressão vocação por considerar que o autoconhecimento é determinante para saber quais oportunidades laborais estão em consonância com suas próprias atitudes e características pessoais. (SANCHEZ AGUERO *et al.*, 2013). Por entendemos a escolha profissional como conduta (BLEGER, 1984), adotamos a partir de agora o termo orientação profissional, que se encontra mais próximo aos fenômenos concretos e distantes de abstrações.

As pesquisas encontradas têm pressupostos metodológicos, epistemológicos e teóricos diferentes que podem indicar caminhos variados para se trabalhar com orientação profissional, no entanto, a experiência de sofrimento aparece em quase todas as pesquisas que se alinham às ciências humanas, seja qual for seu enfoque ou perspectiva. A angústia de não saber o que escolher, nem se sentir informado sobre as profissões e o mercado de trabalho (DIAS; SOARES, 2012; CUNHA, 2004) causam aflições que se manifestam no decorrer do curso escolhido (LEHMAN, 2014) ou no exercício profissional. Em um momento que a informação é acessível, chama a atenção o fato de que muitos jovens e profissionais sintam-se desinformados e sofram por isso (MANOEL *et al.* 2014; DIAS; SOARES, 2012).

Isso aumenta nossa convicção de que nossa investigação sobre o imaginário coletivo de alunos de psicologia pode contribuir não apenas para psicólogos, mas para todos os que pesquisam escolhas profissionais.

O debate sobre as influências socioeconômicas é mais abrangente. A escolha da profissão faz parte das preocupações de nossa sociedade, e, assim que terminam o ensino médio, muitos estudantes aspiram obter um título profissional, porém fazer tal escolha é uma tarefa complexa e envolve uma série de fatores.

As escolhas profissionais são determinadas socialmente e se relacionam à escolaridade dos pais, seu nível socioeconômico e à natureza do ensino cursado. Portanto, as opções de escolha profissional e o mercado de trabalho são percebidos de maneira diferente pelos grupos sociais, levando, por exemplo, grupos minoritários e/ou minorizados

a escolherem a profissão de acordo com a remuneração e status social.

A condição social faz com que sujeitos de menor poder aquisitivo encarem o acesso ao ensino superior como uma oportunidade de se inserir no mercado de trabalho através de uma profissão valorizada em seu contexto. Já indivíduos de classes mais abastadas se preocupam em manter o status através de escolhas que mantêm o padrão familiar. Tais desigualdades antecedem a entrada na faculdade, perpetuam-se no decorrer do ensino superior e permanecem assim, mesmo após sua formatura.

O trabalho de Dias e Soares (2012) explicita tal desigualdade ao descrever as seguintes categorias presentes na escolha do curso superior: “escolhendo sem saber”, o “diploma considerado mais importante que o trabalho” e o “medo do mercado”.

“Escolher sem saber” implica na escolha por um curso sem maiores informações sobre ele, seja por ser a opção mais valorizada socialmente, por escolhas limitadas às suas possibilidades econômicas e sociais, ou, como afirmam as autoras, as escolhas possíveis.

O diploma adquire maior importância que o trabalho na medida em que se configura como valor social e histórico que transcende a experiência pessoal do estudante e realiza também desejos e aspirações familiares. Por meio do diploma se vislumbra a mobilidade social, com a possibilidade de se obter melhores empregos e *status* social.

Já a inserção no mercado de trabalho (DAVIES *et al.*, 2013) parece ser o revés da categoria anterior, pois o mercado competitivo, exigente e concorrido mergulha o profissional na sensação de despreparo e, conseqüentemente, na constante ameaça de não ser competente o suficiente para exercer a profissão escolhida. Nessas circunstâncias, o grande fantasma deixa de ser a falta do curso superior e passa a ser o mercado de trabalho, expressão notadamente ideológica e capitalista, que encarna a experiência de exclusão. (CASTRO; BICALHO, 2013; PINTO; CASTANHO, 2012; PIÑERO RAMÍREZ, 2012; VALORE; CAVALLET, 2012; OLIVEIRA; MELO-SILVA, 2010)

Outra forma de exclusão se dá a partir do preconceito racial e sexual. A pesquisa de Taulke-Johnson (2010) mostra como estudantes *gays*, após escolherem um curso, avaliam se a universidade é acolhedora ou não com estudantes homossexuais. Já Generett e Cozart (2011) descrevem suas experiências como mulheres negras em instituições acadêmicas, superando a marginalização através da espiritualidade. Em ambos os casos existem elementos que explicitam que as escolhas profissionais vão muito além de saber qual profissão seguir.

A escolha profissional é, portanto, fortemente vinculada à imagem social da profissão e à influência familiar, de modo que nem sempre se relaciona a um projeto profissional autônomo, mas sim ao contexto profissional possível. Tal fato coloca em dúvida o acesso ao curso superior como possibilidade de mobilidade social.

Outro aspecto a ser considerado na escolha profissional diz respeito justamente à imagem social da profissão. Esta é baseada em idealizações fortes o suficiente para sustentar a opção por um determinado curso. O trabalho de Sales & Chamon (2011),

por exemplo, relaciona a escolha de estudantes pela carreira docente por considerá-la “atraente”, “dinâmica” e “bonita”. Já Ribeiro *et al.* (2011) descrevem que estudantes de medicina optaram pelo curso principalmente por ter vontade de ajudar as pessoas, superando a empregabilidade e o bom salário como fator determinante para a escolha profissional.

As pesquisas de Price *et al.* (2013) e Spindola *et al.* (2011) tratam de aspectos idealizados relacionados ao curso de enfermagem, cujos profissionais são socialmente considerados como virtuosos, altruístas e nobres. Os pesquisadores consideram tal imagem estereotipada, mas ainda presente em jovens que escolhem a profissão.

Caminhando em sentido oposto às pesquisas que consideram a escolha profissional determinada socialmente, Nogueira e Pereira (2010) propõem a relativização de explicações sociológicas sobre o assunto. Para eles os elementos que levam a escolha profissional são construídos no decorrer da vida em função dos múltiplos laços sociais e das experiências pessoais. Portanto, os gostos, preferências, objetivos e escolhas não podem ser mecanicamente atribuídos à sua origem social. (RABELO, 2010)

Na maioria das pesquisas apresentadas, há grande atenção para a experiência de estudantes em processo de escolha profissional. As pesquisas de Lehman (2014), Castro e Bicalho (2013), Dias e Soares (2012) e Feijoo e Magnan (2012) tratam das dificuldades presentes na busca por uma profissão, em que as opções feitas nem sempre são as desejadas, mas muitas vezes as possíveis ou viáveis (GUIGEN *et al.*, 2014). Esses trabalhos explicitam como as pessoas se deparam com dados de realidade que interferem diretamente em seus projetos e perspectivas de vida (MANOEL *et al.*, 2014). Tal momento é vivido com sofrimento, o que faz das escolhas profissionais uma tentativa de resolução para tal aflição.

Por fim, a questão da identidade merece destaque, seu enfoque é variado e a discute do ponto de vista individual, profissional e social em várias profissões. Vários estudos se articulam ao redor do conceito de identidade, muitas vezes sem defini-lo, como se tratasse de uma noção autoevidente, que teria o mesmo significado em diferentes contextos teóricos da psicologia. O termo identidade adquire diferentes sentidos no interior de variados contextos teóricos, portanto devemos compreendê-lo vinculado à concepção de homem subjacente a cada perspectiva teórica, o que segundo Bleger (1984) nem sempre é claramente assumido pelos autores.

O fato de a identidade ser discutida por pesquisadores de diferentes formações (administradores, educadores, enfermeiros, médicos e psicólogos) talvez esteja relacionado ao mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo no qual estamos inseridos, em que as opções profissionais são muitas, assim como as informações que podem tanto ajudar como atrapalhar o jovem em sua escolha de curso. Nesse sentido, a orientação profissional seria vista como uma forma de conciliar características pessoais do sujeito às de uma determinada profissão, o que permitiria uma coerência entre a identidade pessoal

e profissional. Porém nem sempre tais escolhas parecem ser coerentes.

Nessa perspectiva, as representações sociais que os jovens têm da profissão deveriam ser consideradas ao se estudar a escolha profissional. Tais representações expressariam necessidades, vontades e projetos de jovens que se encontram em determinados espaços socioeconômicos e culturais, e os posicionaria frente às suas escolhas profissionais.

Nestas pesquisas, a escolha profissional estaria relacionada à construção de uma identidade profissional que permitiria as pessoas se reconhecerem dentro de seu ambiente e superarem suas dificuldades (DAVIES *et al.*, 2013; PIÑERO RAMÍREZ, 2012; SALES; CHAMON, 2011; D'AVILA *et al.*, 2011; OLIVEIRA; MELO-SILVA, 2010). Tais dificuldades giram ao redor de experiências de exclusão do mercado de trabalho, de oportunidades de ascensão social e econômica e de reconhecimento dentro da comunidade e da família (CASTRO; BICALHO, 2013; OLIVEIRA; MELO-SILVA, 2010).

Dessa maneira, o ingresso na universidade parece vir carregado de significados de autorrealização, autonomia econômica e status social construídos no viver da pessoa. A escolha profissional tornar-se-ia, deste modo, o coroamento de um processo de diferenciação social, que vai além de projetos profissionais. A trajetória acadêmica seria atravessada por expectativas de construção de identidade profissional que atenda às prescrições políticas, econômicas, sociais e familiares.

Segundo Bleger (1984), a psicologia estuda condutas e o faz considerando-a como processo dinâmico que leva em conta a personalidade e o contexto social do qual a pessoa faz parte. Não discutimos a questão da identidade, mas não podemos ignorar os trabalhos relacionados ao tema. Seus resultados são ricos ao identificar, descrever e até quantificar experiências de exclusão social e as idealizações ao redor das profissões, que caracterizamos como conduta blegeriana. Por trás dos dados apresentados nessas pesquisas encontram-se descrições precisas e minuciosas de sofrimentos pelos quais nossos jovens, mas não apenas eles, passam cotidianamente.

A busca por “ser alguém” e “ingressar no mundo” (D'AVILA *et al.*, 2011) revelam justamente a sensação de não ser ninguém e de viver fora do mundo, ou sentir-se como um “lixo” e ser “burro” (CASTRO; BICALHO, 2013). Tais expressões, fortes sem dúvida, nos remete a uma intensa experiência de sofrimento em que as pessoas não se sentem vivas ou reais, e a sua tentativa de superar tal situação. Isso nos remete aos conceitos de verdadeiro e falso *self* de Winnicott [1960]/(2022), e à busca pela superação da sensação de não existir (WINNICOTT, [1971b]/(2019)). A profissão, nesses casos, pode justamente funcionar como um amparo ou uma defesa para quem tem dificuldade em sentir-se pleno, íntegro e vivo de forma criativa e espontânea.

A escolha profissional está numa encruzilhada em que se encontram possibilidades e exigências do trabalho, enquanto fenômeno social, com aspirações e necessidades do indivíduo. A sofisticação do mercado de trabalho abriu novas possibilidades para o exercício

laboral e nem sempre as informações a respeito de profissões e campo de trabalho são claras para os estudantes do ensino médio. O desenvolvimento de pesquisas focadas na orientação profissional tem entre seus objetivos oferecer tais informações e buscar as melhores possibilidades para cada estudante.

Como vimos, a tarefa não é simples, pois além da grande oferta de profissões, o estudante tem de lidar com o contexto social, econômico, político e familiar em que está inserido. Isso diminui as possibilidades de escolhas, que acabam se tornando escolhas possíveis.

Isso nos leva a refletir sobre o ensino superior. Recentemente nosso país passou por grandes transformações socioeconômicas o que permitiu que camadas menos favorecidas da população que não tinham acesso ao ensino superior passassem a vislumbrar tal possibilidade. Tal fato ainda não pode ser considerado como o coroamento do processo de democratização do ensino superior, já que as desigualdades persistem principalmente no acesso às universidades públicas e na qualidade do ensino oferecido. Os mecanismos de exclusão são outros e o mercado de trabalho torna-se cada vez mais exigente e rigoroso na escolha de mão de obra qualificada, selecionando e excluindo os que consideram menos preparados.

Para nós, a questão da constituição do *self* (WINNICOTT, 1960) deve ser levada em conta no processo de escolha profissional. Estudantes com dificuldades em sentirem-se reais, plenos e espontâneos podem buscar na profissão um meio de inserção social e sentir-se pertencentes a ele. Consideramos esse um problema que deve ser estudado com cuidado, pois a chance de pessoas nessa situação sentirem-se deslocadas e infelizes na vida acadêmica e/ou profissional e desenvolverem doenças aumenta bastante.

Tal situação leva a uma experiência de sofrimento, que poderia ser minimizada se oferecêssemos cuidados psicoprofiláticos a quem se encontra em tal estado. Por isso estudamos a escolha profissional, considerando-a como conduta (BLEGER, 1984) que emerge de um campo de sentido afetivo-emocional. Acreditamos que podemos cooperar com a discussão usando o método psicanalítico e tal convicção torna necessário que se façam algumas considerações de natureza teórica-metodológica.

## PESQUISA PSICANALÍTICA

Apresentamos agora alguns de nossos pressupostos e conceitos fundamentais para que o leitor possa acompanhar a maneira como a pesquisa se organizou. Este estudo consiste, basicamente, em abordar as comunicações dos estudantes de psicologia tendo em vista produzir interpretativamente campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. Para tal, adotamos uma perspectiva que privilegia a dimensão metodológica da psicanálise, consideramos toda manifestação humana como conduta (BLEGER, 1984) e partimos do pressuposto de que toda conduta é passível de compreensão.

Outra observação importante a ser feita é não esquecer que o homem é um ser social, que vive coletivamente e em condições específicas; portanto, para compreender o fenômeno humano, devemos levar em consideração a dinâmica social e coletiva de sua existência.

### 3.1 Conduta

A proposta epistemológica e metodológica de José Bleger (1922-1972), influenciada pela psicologia concreta de Georges Politzer (1903-1942), defende que a psicologia deve estudar seres humanos reais em situações concretas, evitando conceitos abstratos como mente, alma ou espírito, por exemplo. O objeto de estudo da psicologia são as manifestações humanas concretas, considerando seu ambiente, sua condição social e experiências vividas.

Bleger (1984) denomina tais manifestações como conduta, ressaltando que sua expressão se dá em três áreas diferentes: a área um, mental ou simbólica; a área dois, relacionada ao corpo; e, a área três, que corresponde ao meio ambiente. Toda conduta envolve as três áreas e qualquer psicologia que não as considere afastam e isolam o homem de sua experiência concreta.

O pressuposto de que a conduta é passível de compreensão, retoma a convicção de Freud [1900]/(2019) de que os sintomas, assim como os sonhos e atos-falhos, podem ser interpretados (RIEMENSCHNEIDER, 2004). Para Bleger (1984) todo acontecimento humano é conduta e seu sentido está relacionado às condições que permitem seu surgimento. Nessa proposta, o homem é caracterizado por sua condição de ser social, pela qual só chega a ser humano através da incorporação e organização de experiências com os demais indivíduos.

O sentido da conduta não pode ser atribuído a uma relação simplista de causa e efeito, sendo impossível considerá-la isoladamente do contexto que condiciona seu surgimento e das condições interatuantes em um dado momento (BLEGER, 1984). Não há como compreender seu sentido se não levarmos em conta tais aspectos, entretanto, nem sempre nos percebemos isso e seu sentido permanece inconsciente, o que exige a

aplicação do método psicanalítico para estudá-la e compreendê-la (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2000).

### 3.2 Método e enquadramento

A ideia de psicanálise e método se relacionam profundamente. Laplanche e Pontalis [1967]/(1986), definem o verbete psicanálise a partir de três perspectivas: como método de investigação, método psicoterápico e como teorias psicológicas. No verbete de Laplanche e Pontalis (1967), a ordem em que são colocadas as definições, de certa forma, reproduzem o percurso freudiano, que, inicialmente investiga o fenômeno histórico, para num segundo momento propor a psicoterapia e, por fim, organizar uma teoria psicológica.

Bleger (1984) se propõe a discutir método no contexto da psicanálise, reconhecendo sua dificuldade, já que a questão metodológica durante muito tempo foi, e ainda é considerada a partir do modelo cartesiano e positivista que isola o sujeito de seu objeto de pesquisa. Tal cisão foi fundamental para o desenvolvimento das ciências naturais, que lidam com regularidades e previsibilidades, e trouxe grandes benefícios ao homem. Porém a aplicação direta e automática de princípios cartesianos aos fenômenos humanos objetiva e naturaliza o homem, operando de modo abstrato a partir do qual não se produz conhecimento dramático sobre fenômenos subjetivos de caráter inter-humano.

A proposta de Bleger (1958;1984) baseia-se na crítica da clivagem metodológica, presente na psicologia tradicional, que a seu ver, fragmenta e dilui o processo unitário e dialético da experiência (BLEGER, 1984). Para delimitar uma perspectiva metodológica adequada à psicologia concreta, Bleger propõe o conceito de enquadramento da conduta. Tal proposta promove um recorte metodológico da conduta, que leva em conta: 1) o processo dialético dos fenômenos num determinado setor e 2) os distintos esquemas referenciais empregados na investigação e sistematização teórica dos fenômenos estudados (BLEGER, 1984).

O enquadramento insere o investigador na realidade social e relacional do objeto que estuda, o que faz da pesquisa uma experiência compartilhada. O enquadramento rigoroso permite ao investigador se posicionar dialeticamente em relação aos fenômenos que estuda. Difere, em seus efeitos, do que ocorre com escolas ou correntes psicológicas, que partem unilateralmente de suas convicções para enquadrar e manter seu objeto de estudo coerente com seus pressupostos.

Assumindo a importância metodológica do enquadramento blegeriano, direcionaremos nossa atenção ao enquadramento dramático porque: 1) adequa-se ao nosso material de pesquisa; 2) baseia-se na narrativa; e 3) retoma claramente, em termos que se articulam essencialmente à obra de Politzer (2004).

O enquadramento dramático estuda a experiência vivida enquanto acontecer humano. Os fatos psicológicos devem ser estudados em toda sua amplitude e, para tal,

devemos considerar o drama a partir das condições que lhe contingenciam. Politzer (2004) entende o drama como a expressão do acontecer humano vivido e relatado na primeira pessoa. Somente a partir das narrativas de experiências da própria pessoa é que se pode encontrar o sentido de seu sofrimento e angústia. O drama implica o homem na totalidade de suas experiências, sendo o centro de uma série de acontecimentos vividos.

Sem dúvida nenhuma esse foi o diferencial do pensamento freudiano derivado, desde o início do atendimento à pacientes históricas. Para Politzer (2004), o brilhantismo da psicanálise freudiana reside justamente na valorização do drama e na consideração de que cada narrativa é significativa e passível de ser compreendida. Tais características, somadas ao método de associação livre e atenção flutuante, constituem o enquadramento dramático blegeriano, criando os recortes metodológicos necessários para o estudo da conduta, a partir dos quais surgem os conceitos metodológicos de experiência emocional e campos de sentido afetivo-emocionais. Partindo desses pressupostos podemos apresentar a forma como usamos a psicanálise em pesquisas empíricas.

### **3.3 Pesquisa psicanalítica**

A obra de Herrmann (1979; 2004) oferece reflexões importantes sobre a natureza da psicanálise que podem fundamentar as pesquisas empíricas psicanalíticas. Segundo seu ponto de vista, a psicanálise é fundamentalmente um método de investigação baseado na atenção flutuante e na associação livre. O autor parte da prática clínica de Freud (1900), que consistia na aplicação desse método à narrativa de seus pacientes, que posteriormente eram elaboradas interpretativamente. Segundo Herrmann (1989), devemos valorizar a práxis freudiana enquanto psicanalistas e também como pesquisadores. Em outras palavras, por que não aplicar o método psicanalítico em pesquisas empíricas?

As pesquisas psicanalíticas nem sempre valorizam o aspecto metodológico da produção freudiana. Segundo Herrmann (1989), a pesquisa psicanalítica no contexto acadêmico apresenta três tipos de produção: os estudos teóricos sobre textos psicanalíticos, as pesquisas positivistas sobre temas psicanalíticos e trabalhos que usam o método psicanalítico.

Neste trabalho utilizamos o terceiro tipo de produção descrito por Herrmann (1989). Isso se deve ao fato de que julgamos o método psicanalítico dotado de uma potencialidade heurística formidável, capaz de produzir conhecimento sobre o humano, dentro e fora de situações de atendimento, sempre que quisermos pesquisar a conduta humana como drama.

Ao tomar a prática de Freud (1900) como referência, retomamos seu ponto de partida em cada atendimento, ou seja, propor ao paciente que falasse o que ocorresse em sua mente evitando qualquer tipo de censura, por mais que a ideia parecesse sem sentido e/ou absurda. Essa é a regra fundamental da psicanálise e vale também para o analista que

escuta a narrativa de seu paciente em estado de atenção flutuante e associa livremente sobre as manifestações que se dão no decorrer do encontro analítico.

Bleger (1969) apresenta contribuições interessantes ao criticar a diferença existente entre a teoria e a prática psicanalítica. Para ele, a prática clínica da psicanálise nem sempre coincide com suas postulações teóricas e metapsicológicas, uma vez que a teoria psicanalítica está estruturada sobre os princípios da lógica formal e seu desenvolvimento prático responde à lógica dialética. Em algumas situações isso compromete a capacidade da psicanálise de se apresentar como um método de pesquisa empírica, já que o psicanalista/pesquisador deve adequar os dados de sua pesquisa à metapsicologia psicanalítica formal. Como as contradições dialéticas presentes na prática não encontram espaço no contexto metapsicológico, parte das pesquisas em psicanálise são mais focadas em seus próprios textos e/ou ligadas a metodologia positivista.

A prática clínica psicanalítica é cheia de contradições e negar tal fato ou não levá-lo em consideração, além de ser ineficaz, compromete o desenvolvimento científico por torná-lo convencional e distante da espontaneidade do acontecer humano. Tais críticas são relacionadas a teoria psicanalítica em seu modelo pulsional, mas é perceptível que ele não a compreende de forma dissociada da pesquisa, da epistemologia e do método. Trata-se, portanto, de um ponto de partida importante para pensarmos sobre as pesquisas empíricas que fazem uso da psicanálise.

As discrepâncias entre a prática e a teoria se aprofundam à medida que o trabalho psicanalítico se baseia nos fenômenos transferenciais e contratransferenciais, que tornam nossa prática eminentemente dramática e vincular (BLEGER, 1969).

O conceito de transferência chama a atenção de Freud [1901-1905]/(2016) desde o início de sua produção psicanalítica. No pós-escrito do caso Dora afirma que tropeçou na transferência, o que abreviou a duração do tratamento. Essa experiência reforçou sua hipótese que estava frente a uma resistência e o levou a produzir artigos dedicados exclusivamente ao tema como, por exemplo, “A dinâmica da transferência” [1911-1913]/(2010), um de seus artigos técnicos.

A dificuldade encontrada por Freud no manejo transferencial do caso Dora fez com que ele adotasse posições técnicas para lidar com tais situações. Podemos atribuir tal atitude a uma tentativa de controlar melhor a transferência, o que o aproximou da metapsicologia, mas o distanciou do drama. A institucionalização da psicanálise e os rompimentos com alguns de seus seguidores mais próximos, Adler e Jung, contribuíram ainda mais para seu apego teórico à especulação metapsicológica.

Ao tratar da transferência, Greenberg e Mitchell (1994) observam que seu manejo explicita problemas sobre a importância das relações objetais na psicanálise. Para eles, Freud desenvolveu sua teoria baseado no conceito de pulsão, que relaciona todas as atividades humanas, inclusive as mentais, à natureza biológica do homem.

A derivação das relações transferenciais para a teoria pulsional, destacada por

Greenberg e Mitchell (1994), são exatamente o alvo das críticas à psicologia abstrata formulada por Politzer (2004) e Bleger (1958;1984;1969).

A leitura de Greenberg e Mitchell (1994) sobre a importância das relações objetais vai ao encontro da psicologia concreta. Para eles, deve-se fazer a substituição do modelo pulsional por uma abordagem “na qual as relações com os outros constituem-se nos blocos de construção fundamentais da vida mental” (GREENBERG; MITCHELL, 1994, p. XIII). Ainda que não concordemos com a metáfora de construção ao nos referirmos à vida mental, a proposta de Greenberg e Mitchell (1994) oferece condições para refletirmos sobre nossa prática enquanto psicanalistas e pesquisadores empíricos que usam o método psicanalítico e chegar a algumas conclusões, entre elas, a de que não é possível descartar os fenômenos transferenciais em pesquisas psicanalíticas.

Herrmann (1979) avança na discussão sobre a transferência ao considerá-la um princípio ordenador intersubjetivo que cria condições para interpretar ou criar/encontrar campos de sentido afetivo-emocionais. Além de valorizar uma perspectiva próxima à psicologia concreta de Politzer (2004), Herrmann (1979) considera que a percepção do analista é participante e comprometida com as emoções que ocorrem na interação com o analisando. Para exemplificar, Herrmann (1979) afirma que não conhecemos o ódio em si mesmo, mas sim o ódio a alguém, o que nos vincula ao outro.

Tal fato tem implicações na organização metodológica de pesquisas empíricas psicanalíticas. Os fenômenos que estudamos são selecionados e tornam-se alvo de nossa atenção na medida em que despertam emoções em nós e são submetidos a um ordenamento de sentido baseado nos vínculos intersubjetivos que estabelecemos com eles. Se desejarmos usar o método psicanalítico em pesquisas empíricas, devemos configurar nossa pesquisa considerando tais aspectos.

Os fenômenos transferenciais dão concretude à experiência emocional no momento em que ocorrem no contexto analítico e, nesse sentido, buscar por aspectos histórico-genéticos afastam o analista da experiência vivida naquele exato momento, o que acarreta em um distanciamento entre analista/analisando. Ao reconhecer tal situação, valorizamos a relação vincular como procedimento clínico adequado para nos aproximar do paciente. Assim, nos acercamos do enquadramento dramático da conduta (BLEGER, 1984), que promove um corte metodológico levando em conta o processo dialético num determinado setor e os esquemas referenciais e teóricos empregados na pesquisa.

O presente estudo utiliza o enquadramento dramático da conduta por pesquisar narrativas, que nos afetaram emocionalmente frente às experiências relatadas. Partimos da definição de Herrmann (1979) de que a emoção e a transferência são elementos organizadores da experiência e a tomamos em consideração. Nesse sentido, as pesquisas empíricas psicanalíticas se opõem radicalmente ao modelo positivista e se apresentam como uma estratégia viável e rigorosa para o estudo do acontecer humano.

A nosso ver, ao usarmos a psicanálise como método, contribuímos de forma

inovadora em pesquisas acadêmicas. A proposta de Herrmann (1979; 1989; 2001; 2007), de que o método precede a teoria psicanalítica, nos desobriga a aderir a uma ou outra teoria psicanalítica *a priori* e nos coloca numa posição disponível para deixar que o novo surja.

### 3.4 Narrativas como condutas

Os tempos inaugurais da psicanálise tem em Anna O. um importante marco, uma vez que permitiu o abandono da hipnose e o reconhecimento da “cura pela fala” como uma prática fundamental para a nova terapia. Nela está presente a regra fundamental da psicanálise, falar sem censura o que vier a mente, que permite o exercício da atenção fluente. Para nossa pesquisa, o interessante é considerar que a cura pela fala se organiza como uma narrativa.

Para Politzer (2004), o narrar faz parte do modo humano de viver. A pesquisa qualitativa, em geral, e a pesquisa qualitativa psicanalítica, em particular, interessadas em significações e sentidos das ações humanas, lidam inevitavelmente com materiais de natureza narrativa, já que são esses os que expressam o drama, a experiência em primeira pessoa.

Segundo ele, “o ato do indivíduo concreto é a *vida*, mas a vida singular do indivíduo singular, isto é, a *vida no sentido dramático do termo*” (POLITZER, 2004, p. 67, grifos do autor). Para compreendermos o sentido dramático do fato psicológico, são necessários materiais para seu esclarecimento. Mas que materiais são esses? Como obtê-los? Segundo o filósofo, a resposta é simples: o ato psicológico só pode ser esclarecido “pelos materiais que o sujeito fornece na narrativa<sup>1</sup>” (POLITZER, 2004, p. 85). Exatamente a prática freudiana.

Toda narrativa (*récit*) corresponde a uma intencionalidade significativa do ponto de vista do narrador e a uma intenção compreensiva por parte do outro (POLITZER, 2004). Portanto, é na relação com o outro que o sujeito significa e organiza sentidos para suas experiências: esse é justamente o vínculo que se estabelece no contexto psicanalítico. Os conteúdos dramáticos revelariam objetivamente suas características concretas por intermédio da comunicação da experiência, sendo que comunicação também é, em si mesma, uma experiência.

O drama é conhecido pelo outro através da mediação da narrativa (POLITZER, 2004) e, para que o psicólogo possa interpretar o drama do indivíduo, ele tem necessariamente de recorrer a mediações, ou organizações de sentido relacionadas à sua própria vida dramática (RIEMENSCHNEIDER *et al.*, 2012). As narrativas são condutas da área três,

---

1 Aqui uma observação se faz necessária. O termo utilizado na tradução brasileira da obra de Politzer (1928) é relato. Na publicação original em francês o termo utilizado é *récit*, que pode ser traduzido por narração, narrativa ou relato. Optamos por usar o termo narrativa, que será utilizado de agora em diante por questões metodológicas relacionadas às produções de nosso grupo de pesquisa.

produtos do drama, do viver das pessoas (BLEGER, 1969) e não podemos tratá-las como meros relatórios desprovidos de capacidade de ser uma comunicação emocional no sentido winnicottiano do termo.

Para Bleger (1984), a comunicação condiciona reciprocamente condutas interpessoais e sociais, de forma conscientemente intencional ou não, mas nem sempre nos damos conta de sua intencionalidade. Ao escrever as narrativas, os participantes priorizaram determinadas situações que remeteram a outros eventos, lembranças e experiências. Isso constitui a narrativa em si como uma experiência emocional (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2005; GRANATO; CORBETT; AIELLO-VAISBERG, 2011) e permite que a consideremos a partir de sua natureza psicanalítica, já que os autores se utilizaram da associação livre e da atenção flutuante em sua produção. Por esse motivo não buscamos nas narrativas um retrato fiel da vida da pessoa, mas sim favorecer a emergência dos significados emocionais e os dramas envolvidos nas experiências vividas.

Reconhecemos nos memoriais aqui apresentados elementos que os constituem como narrativas e como condutas de comunicação, nas quais podemos aplicar o enquadramento dramático, para estudar o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre o curso (RIEMENSCHNEIDER; AMBROSIO; AIELLO-VAISBERG, 2011).

O uso do método psicanalítico consiste na produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocionais por intermédio de uma “atitude acolhedora, receptiva e aberta à comunicação emocional do paciente no cultivo de uma forma especial de atenção ao acontecer presente” (CORBETT, 2014, p.48). Essa é nossa perspectiva frente às narrativas autobiográficas e não devem ser confundidas com um relatório em busca de objetividade, mas sim um registro que se faz a partir do método psicanalítico, estabelecendo uma relação entre acontecer inter-humano e campos de sentido afetivo-emocionais (AIELLO-VAISBERG, 1999).

### **3.5 Imaginários coletivos**

Para nós, o método psicanalítico estuda condutas, considerando-as como drama que se expressam narrativamente – lembrando que nem todas as narrativas são verbais. Para Bleger (1984) a conduta molar é uma totalidade organizada de manifestações humanas que têm: 1) motivação ou causas que a determinam; 2) finalidade, ou seja, resolver as tensões produzidas pela motivação; 3) possuem um objeto ou fim, que é sempre um vínculo ou uma relação interpessoal; 4) possui um sentido que pode ser compreendido; e 5) tem estrutura.

Toda conduta emerge de campos relacionais que se configuram intersubjetivamente no mundo humano. Portanto, para estudarmos as condutas devemos levar em conta as condições concretas que lhes contingenciam, como os aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e históricos.

Quando falamos em imaginário coletivo nos referimos a um tipo particular de conduta,

que não está restrito apenas a atividades imaginativas, mas a práticas que geram produtos concretos e procedimentos que constituem o ambiente humano. Assim, as manifestações do imaginário coletivo se expressam segundo modos simbólicos (área 1), corporais (área 2) ou como modos de atuação no mundo externo (área 3).

Os imaginários coletivos conformam ambientes humanos e configuram mundos vivenciais, que dialeticamente produzem novos campos de sentido afetivo-emocionais, levando a organização de novas condutas. Os campos de sentido afetivo-emocionais são inconscientes relativos por se constituírem como substratos afetivo-emocionais dos quais emergem as manifestações nas três áreas da conduta.

Nessa perspectiva, o inconsciente não é concebido como uma instância intrapsíquica baseada no recalque, mas como existente nas relações interpessoais e baseado em registros sensíveis e pré-reflexivos. (AIELLO-VAISBERG; MACHADO, 2008). Portanto, a investigação psicanalítica do imaginário coletivo de determinado grupo implica na produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocionais ou inconscientes relativos a partir dos quais a conduta emerge (AMBRÓSIO; AIELLO-FERNANDES; AIELLO-VAISBERG, 2013; AIELLO-VAISBERG, 1999).

### 3.6 Campos de sentido afetivo-emocionais

O conceito de campo se espalhou na América Latina por meio da contribuição do casal francês Baranger [1961-1962]/(1969), importante para o desenvolvimento da psicanálise nos países platinos. Bernardi (2009), em artigo sobre a obra do casal Baranger, relata que Pichón-Rivière foi leitor de pensadores franceses como Merleau-Ponty e Daniel Lagache. Para Bernardi (2009), a concepção fenomenológica da mente, corpo e alma foram importantes influências na obra de José Bleger. Como sabemos, outro autor de tradição francesa fundamental no pensamento blegeriano foi Politzer.

Desse caldeirão de influências, emerge a preocupação metodológica e epistemológica por parte dos Baranger (1969) e de Bleger (1984) em busca da valorização da psicanálise a partir de seus próprios princípios. A teoria dos campos é fruto da preocupação metodológica desses autores e influencia pesquisas psicanalíticas até hoje.

Para Bleger (1984), o estudo da conduta deve situá-la em relação às condições que a contingenciam. Trata-se de uma necessidade metodológica que visa reduzir a amplitude dos fenômenos estudados, que o leva a definir campo como “a situação total, considerada em *um dado momento*, quer dizer, é um corte hipotético e transversal da situação” (BLEGER, 1984, p. 37, grifos do autor).

Bleger (1984) parte dos estudos de K. Lewin para enfatizar que os fatos coexistentes presentes no conceito de campo são mutuamente independentes e não podem ser considerados isoladamente. Isso dá características dinâmicas ao campo, que permanentemente se reestrutura e se modifica.

Toda manifestação da conduta se dá num campo e neste há duas subestruturas a se considerar: o campo ambiental e o campo psicológico. O primeiro se constitui pelas condições e acontecimentos em que a conduta ocorre, e o segundo pela configuração particular que o campo tem para o sujeito ou grupo naquele momento. Dentro do campo psicológico e formando parte dele, há o campo da consciência, que é a configuração que tem o campo ambiental para a conduta consciente do sujeito. (BLEGER, 1984)

Tal formulação deixa implícito que o campo da consciência é uma parte pequena do campo psicológico, e que este “não se acha constituído somente pelo conjunto de experiências que aparecem conscientemente” (BLEGER, 1984, p. 38).

Herrmann (1979) entende o campo como uma generalização do conceito de inconsciente, que não concebe como repositório de representações ou faculdade psíquica, como na perspectiva clássica, mas sim como avesso de relações intersubjetivas, plasmadas na coexistência vincular que se pauta sob regras lógico-emocionais não aparentes.

Nesse sentido, aproxima-se da proposta de Greenberg e Mitchell (1994), que consideram a existência humana de natureza essencialmente vincular, baseado no paradigma estrutural-relacional, segundo o qual as relações, interações e mediações com o outro são elementos fundamentais na construção da vida mental. Para os autores, a abordagem relacional “[...] explora o relacionamento entre pessoas reais externas e imagens e resíduos internos relacionados com elas e o significado de tais resíduos para o funcionamento psíquico.” (GREENBERG; MITCHELL, 1994, p. 7).

Voltando ao pensamento de Herrmann (1979), “deixar que surja” é a esperança de que o sentido da experiência virá da narrativa do paciente, de suas palavras e das conotações emocionais que veiculam. O “tomar em consideração” surge como ponto de partida em direção ao campo, demandando que o psicanalista/pesquisador se mantenha suficientemente aberto para associar livremente (HERRMANN, 2004).

Tais atitudes se dão no contexto relacional e vincular, não há como “deixar surgir” e “tomar em consideração” sozinho. Findo esse processo chegamos a uma forma específica de compreensão da manifestação, emergente de um campo configurado segundo certas regras, crenças ou percepções. Evidentemente, como fruto de um processo interpretativo, todo campo tem sempre caráter transitório e inconcluso, pois novos olhares podem gerar novas percepções.

Ao interpretar as narrativas autobiográficas buscamos criar/encontrar interpretativamente campos ou inconscientes relativos, que definimos de modo minimalista. A seguir, passamos a dialogar com outros autores e suas teorias, sobre os campos que criamos/encontramos, chamamos este último momento de interlocuções reflexivas. Neste momento, abandonamos o método psicanalítico, já que não usamos mais a associação livre e a atenção flutuante.

Outra questão importante a ser considerada é que na pesquisa com imaginários coletivos trabalhamos com a personalidade coletiva. Bleger (1984) considera que os

fenômenos humanos estão sempre relacionados a uma totalidade, e para compreendê-los devemos considerá-los em sua amplitude, no que diz respeito aos acontecimentos e vínculos humanos no qual estão inseridos. Nesse sentido, para ele, não é possível afirmar que há duas psicologias: uma individual e outra social, os fenômenos humanos são sociais porque o ser humano é social. Podemos estudar as experiências individuais de uma pessoa, mas não é possível levá-las em conta, sem nos atentar ao contexto sociocultural na qual ela está inserida. Assim, toda psicologia é sempre social.

Por esta razão as narrativas foram consideradas no âmbito sócio dinâmico, ou seja, como uma manifestação da personalidade coletiva, já que os fenômenos humanos são sociais (BLEGER, 1984). Tal convicção nos possibilita investigar as produções dos estudantes como uma produção de seu contexto sócio-histórico.

### AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Os trechos selecionados a seguir fazem parte das narrativas autobiográficas publicadas no livro *Memórias e experiências de alunos da primeira turma de um curso de psicologia* (RIEMENSCHNEIDER; AIELLO-VAISBERG, 2014) e são apresentadas aqui tal como estão no livro.

Como dissemos anteriormente este material foi produzido como memoriais, para a disciplina de Metodologia Científica, e tinha por objetivo fazer um relato sobre a vida acadêmica dos autores até sua opção pelo curso de psicologia e, posteriormente, foram publicados como livro. No decorrer do processo de produção do livro, quatro alunas, cuja idade varia entre 19 e 23 anos, deram continuidade ao projeto e são as autoras das narrativas autobiográficas que foram usadas na pesquisa.

É importante ressaltar que não consideramos as produções individualmente, mas sim no âmbito sócio-dinâmico (BLEGER, 1984), enquanto personalidade coletiva, uma vez que nosso interesse é pelo fenômeno em sua perspectiva social.

A leitura deste material em estado de atenção flutuante relevou que o imaginário coletivo dos autores sobre sua graduação está relacionado a sofrimentos diversificados como a experiência de sentir-se estrangeiro, de ser pobre e conviver com o racismo.

A seguir destacamos trechos em que as aflições, dramas e experiências que nos permitiu criar/encontrar interpretativamente os campos de sentido afetivo-emocionais relacionados à escolha do curso de psicologia. Embora a apresentação dos relatos seja baseada em narrativas individuais, buscamos características que traduzam a experiência emocional da personalidade coletiva na produção interpretativa dos campos.

Na primeira das quatro narrativas, intitulada “O mundo existe para ser lido. Eu o leio” a autora relata uma série de mudanças ocorridas a partir de seus três anos de idade, quando muitos brasileiros saíram do país em busca de oportunidades de trabalho nos Estados Unidos. Neste período, Poços de Caldas foi uma das cidades que teve a maior quantidade de emigrantes, porém após a crise de 2008, muitos dos que lá viviam decidiram voltar para o Brasil.

Nos Estados Unidos, ela se deparou com uma nova língua e novos costumes e hábitos. A entrada na escola foi um momento significativo para ela, pois lhe deu oportunidade de ler o mundo de acordo com sua curiosidade e suas necessidades. Porém as circunstâncias da vida lhe trouxeram de volta ao Brasil e ela teve de fazer séries que já havia feito anteriormente para se adaptar à estrutura curricular brasileira.

Nesse momento surge “uma leve depressão” por conta da saudade do pai, que ficou nos Estados Unidos. A volta para o convívio com o pai levou a novos problemas escolares. Após realizar uma prova, para decidir em que série seria matriculada, foi encaminhada para uma turma com colegas mais velhos por conta dos bons resultados obtidos na avaliação. Não se sentiu bem lá e, após experiências desagradáveis, percebeu que se sentia cada

vez mais “tímida”, “desajeitada”, “reclusa” e “introvertida”. Novamente mudou de escola, o problema se resolveu e ela finalmente encontrou “grandes amigos”.

A escolha pelo curso de psicologia é atribuída aos problemas pelos quais passou no decorrer de sua vida escolar e, no momento em que escreveu a narrativa (no primeiro período da faculdade), seu intento era atuar profissionalmente na ajuda à alunos com problemas escolares.

A busca por melhores condições financeiras levou muitos brasileiros a procurarem oportunidades nos Estados Unidos na década de 1990. A disposição em conseguir um emprego vinha em primeiro plano, e os outros problemas eram considerados secundários. Muitas famílias passaram por dificuldades para conseguir moradia, escola para os filhos e inserção na comunidade local. Tal experiência torna-se sofrimento na medida em que a sensação de ser excluída se sobrepõe a outras. Há aqui uma relação feita entre sofrimento emocional e seu aproveitamento como foco de atenção para sua atuação profissional. Em ambos os casos, a ênfase gira em torno da ideia de que o conhecimento é uma forma de lidar com a experiência emocional do sofrimento.

Na segunda narrativa autobiográfica, “Encontros e desencontros”, o sofrimento aparece com a experiência do preconceito racial e econômico. A autora começa seu texto citando uma pesquisa que mostra que no Brasil 10% da população chega ao curso superior, e que esse índice cai para 2,7% entre a população negra, parda e indígena. O comentário sobre tal situação é lacônico e dramático: “talvez essa estatística ilustre um pouco do que sinto”. O que os números apresentam é vivido por ela no seu dia a dia. Ela, negra, faz parte da minoria que teve a oportunidade que seus pais e irmãos não tiveram: fazer um curso superior. Isso dá a sua experiência de fazer faculdade uma grande responsabilidade, já que o sonho dela “se tornou coletivo”. Ser a “menina dos olhos” assusta e cria expectativas sobre sua capacidade de concretizar o sonho coletivo. Para ela, cursar a faculdade não é apenas um local para sua formação profissional, é também uma maneira de se libertar das dificuldades pelas quais todos da família passaram.

Ao tratar de sua história escolar, a autora menciona sua participação num projeto municipal de complementação de carga horária realizado no contra turno do horário de suas aulas. Segundo ela, foi nesse projeto que ela se “tornou humana”. A frase intrigante justifica-se pelo reconhecimento de que existem “diferenças culturais, econômicas e históricas” que ela viveu e vive com intensidade como preconceito. Conhecer tais diferenças a faz perceber que a experiência dramática gera mais sofrimento do que as estatísticas são capazes de demonstrar, e “tornar-se humana” tem relação com tal constatação. Na adolescência, a preocupação com os estudos continua presente na vida da autora que faz cursos de informática, inglês e dança “para garantir o aprendizado”, que é visto como uma oportunidade que não pode ser desperdiçada.

Ao final do ensino médio, tentou entrar na faculdade através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Não conseguiu

e sentia seu sonho cada vez mais distante. Para piorar, no trabalho, deparou-se com o que chamou de vulnerabilidade, palavra que parece definir bem sua história e a de sua família. Percebeu-se vulnerável por ser mal remunerada, por ter um horário de trabalho pouco convencional, por não conseguir entrar na faculdade e por não encontrar apoio por parte da empresa quando adoeceu.

Surge a questão: “será que não sou respeitada por que não tenho um diploma”? O sentido inverso dessa interrogação é a afirmação de que para ser respeitada é necessário ter um diploma, tal raciocínio parece ser um caminho interessante a ser seguido para nossa pesquisa que se propõe a investigar psicanaliticamente a experiência emocional de estudantes de psicologia e seu imaginário sobre o curso de graduação. O diploma de curso superior nessa perspectiva é uma forma de se conquistar o respeito por parte dos outros e superar as diferenças e desigualdades pelas quais ela e sua família passaram.

A escolha pelo curso de psicologia não é clara para a autora: “Não tenho e nem sei se terei uma resposta racional, mas posso dizer que ela me escolheu. Ou talvez seja recíproco”. Não se espera uma resposta racional para tal escolha, talvez ela não exista, porém o fato de sentir-se escolhida (reciprocamente) pela psicologia mostra que sua vontade é secundária às circunstâncias de sua vida. Isso nos remete a uma sensação de vazio contra a qual a autora luta com força de vontade. Para sentir-se viva, criativa e produtiva ela busca no estudo ferramentas que ofereçam condições para superar o sofrimento e a vulnerabilidade, partes significativas de sua experiência emocional. O fato de o sonho da faculdade ser coletivo aumenta ainda mais o peso de sua responsabilidade.

Em “Escolhas não são em vão”, a autora descreve as dificuldades de uma família com problemas de saúde, com a educação dos filhos e preocupações financeiras, mas, apesar de tudo, todos continuam a enfrentar seus desafios.

A autora inicia o curso de fisioterapia por gostar “de ajudar as pessoas, mas desiste por não conseguir arcar com as despesas”. Nesse momento a ocorre o violento falecimento de seu irmão e o sonho de fazer uma faculdade torna-se menor frente à dor da perda. O luto, a tendência ao isolamento e a excessiva timidez a levam a iniciar um tratamento psicológico.

Com o passar do tempo, sente-se melhor e começa a realizar trabalhos voluntários (que continuam até hoje) e também se dedica ao teatro para resolver o problema da timidez. Nesse momento decide voltar a estudar para “realizar o sonho de ter uma profissão”. Sua primeira opção era retornar ao curso de fisioterapia, mas não tinha condições financeiras de se manter nele. Prestou vestibular para nutrição, mas para sua “tristeza essa turma nunca se formou” e acabou fazendo psicologia. Portanto, o curso não era uma decisão fechada, o que existia era a intenção ou sonho de fazer um curso superior, mas, segundo a autora, “nossas escolhas não são em vão”. Mesmo quando as coisas não ocorrem de acordo com nossas expectativas, elas ensinam a não desistir e mostram novos caminhos. Embora não existisse um interesse específico na faculdade de psicologia, o fato dela

escolher esse curso é fruto de seu percurso, o que dá a essa escolha um sentido que vai além da aleatoriedade. Escolhas não são em vão.

A faculdade de psicologia é um novo caminho para ela, que tem a convicção de que essa escolha não foi aleatória. O tratamento psicológico, que fez quando seu irmão faleceu, despertou nela o interesse pelo curso de psicologia. Na terapia ela aprendeu a “se conhecer, a se aceitar e a entender as outras pessoas e seu sofrimento”. Entender e compreender sofrimentos parecem ser fundamentais para sua escolha.

Por fim, em “A senda essencial”, o sofrimento não está diretamente ligado a um evento específico. Na narrativa há uma descrição do percurso escolar e profissional da autora até o ensino médio, quando a autora sente “necessidade de estudar, mas não sabia o que fazer”. Sempre se interessou por psicologia, mas não identifica uma razão concreta por ter optado pelo curso, embora acredite que até seu final, encontre “o verdadeiro motivo” de sua escolha.

Na faculdade, sentiu necessidade “de fazer algo que envolvesse o outro”, aquele que todos os professores falavam que precisavam de cuidado. Tal necessidade a levou a trabalhar como voluntária em hospitais, asilos e creches como doutora da alegria. Na busca pelo outro, encontrou partes dela mesma e começou a fazer terapia, pois se tornou “profundamente necessário saber identificar o que é meu e o que é do outro”. Nesse sentido, salienta que sua mais importante descoberta foi que “para cuidar do outro que constantemente eu busco, é preciso cuidar de mim e isso envolve o autoconhecimento, saber das minhas potencialidades e das minhas limitações. É preciso estar por inteiro para o outro!”

A cada afirmação fica evidente que a busca é por ela mesma e, nesse sentido, o outro é um instrumento para a descoberta de si mesma, aproximando-se do conceito de uso de objeto proposto por Winnicott (1960). Seus questionamentos sobre quem é ela e quem é o outro revelam angústias e confusões relacionadas à sensação de vazio que tem experimentado. Talvez seu sofrimento seja a de confirmar a máxima de que “somos iguais a cebola, se for tirando as camadas, não há nada!”.

## BUSCANDO A CURA PELO CONHECIMENTO

A leitura das narrativas, em estado de atenção flutuante, relevou que a experiência emocional dos autores sobre sua graduação relaciona-se a um sofrimento, que acabou sendo elemento importante na opção pelo curso de psicologia. O sofrimento surge de diferentes formas: 1) como dificuldade em se adaptar as constantes mudanças de país, que se manifestaram como dificuldades escolares; 2) como preconceito racial que gera expectativas de superação da desigualdade a partir do acesso ao ensino superior; 3) como luto pela perda súbita e violenta de um familiar; e 4) como a experiência de esvaziamento de si mesmo.

Percebemos nas narrativas que a experiência emocional de sofrimento levou a uma tentativa de alívio da angústia, que compreendemos como busca pela cura. Nas narrativas apresentadas, percebemos que nessa busca são utilizados instrumentos ou ferramentas bastante específicos: o conhecimento obtido através da formação acadêmica.

### 5.1 Campos de sentido afetivo-emocionais

A consideração psicanalítica das narrativas autobiográficas permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocionais considerados, chave para a compreensão do imaginário coletivo de estudantes de psicologia: “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento”.

#### “Busca pela cura”

O campo de sentido afetivo-emocional “Busca pela cura” é um mundo vivencial organizado ao redor da crença de que o curso de graduação em psicologia pode proporcionar alívio para o sofrimento emocional.

#### “Cura pelo conhecimento”

O campo de sentido afetivo-emocional “Cura pelo conhecimento” é um mundo vivencial organizado ao redor da crença de que a cura seria obtida pela via do conhecimento.

### 5.2 Interloquções reflexivas

As interloquções reflexivas são um momento de nosso percurso metodológico, em que deixamos a atitude psicanalítica, baseada na associação livre e atenção equiflutuante, para dialogar com autores, cujas teorias nos auxiliam na compreensão dos fenômenos que investigamos, o imaginário de estudantes de psicologia sobre curso de graduação.

Esta é a oportunidade de aprofundar a compreensão de nossas interpretações a partir da interlocação com teóricos importantes para nosso grupo de pesquisa. Tal prática não é desconhecida para nós psicólogos, que aprendemos desde o início de nossa formação a importância da supervisão para o desenvolvimento de nossa atividade clínica/

profissional.

Geralmente, o supervisionando relata oralmente o que teria acontecido durante a sessão para ouvir um parecer do supervisor, um profissional mais experiente, que faz recomendações de natureza técnica e teórica com o objetivo de estabelecer conexões entre teoria e prática, para o benefício do supervisionando e de seu paciente.

Na psicanálise a supervisão tem entre suas principais finalidades fornecer meios para o analista iniciante desenvolver habilidades técnicas até que possa ajudar seus pacientes e prover o aluno com *feedbacks* sobre seu desempenho, oferecendo-lhe possíveis rumos a seguir quando se encontra em dificuldades. Talvez a maior contribuição da supervisão consista “na oportunidade de adquirir visões alternativas quanto à perspectiva dinâmica do paciente, intervenções e tratamento, e estimulando a curiosidade” (SARAIVA; NUNES, 2007, p. 260).

Diversos autores destacam o papel do supervisor como intermediário entre o aluno em formação e sua atuação profissional (SARAIVA; NUNES, 2007; MENEZES MEDRADO, 2013; SEI; PAIVA, 2011), fato que o leva a ser considerado por Oliveira-Monteiro e Nunes (2008) um professor idealizado, por ser uma referência próxima sobre o que é ser psicólogo.

Sob essa perspectiva, podemos afirmar que a supervisão tem papel de destaque na construção da identidade profissional do psicólogo. Nela são discutidas desde as experiências de atendimento clínico, as concepções de mundo e a adoção de valores éticos e profissionais, até aspectos mais práticos e cotidianos da atividade do psicólogo como, por exemplo, a duração de uma sessão (AGUIRRE *et al.*, 2000).

Apesar dos trabalhos citados darem destaque à supervisão para alunos e estagiários, ela está longe de ser um exercício dedicado apenas a iniciantes. Entre profissionais experientes tal situação também ocorre, porém com maior horizontalidade. Em discussões clínicas, a apresentação dos casos a serem discutidos não se resume à apresentação de uma narrativa clínica, espera-se também uma exposição sobre as interpretações a respeito do caso apresentado, elas é que serão discutidas.

Aqui podemos fazer um paralelo entre a supervisão e as interlocuções reflexivas. Se no primeiro caso conversamos com o supervisor sobre seus atendimentos, as opções feitas e novos caminhos possíveis, o que propomos é análogo: pensarmos a partir da obra dos autores, tomando seus textos como intervenção com o poder de guiar uma reflexão sobre nossas interpretações, que chamamos de campos.

Outra consideração que pode ser feita em nossa analogia entre supervisão e interlocuções reflexivas já foi comentada anteriormente, mas acreditamos que deve ser mais detalhada. A supervisão faz parte da formação e da prática profissional do psicólogo, e é usual em várias abordagens teóricas, entre as quais se inclui a psicanálise e, normalmente, se dá ao redor do “conversar com” o supervisor sobre sua atuação clínica.

O que propomos é pensarmos a supervisão em termos amplos, considerando que se trata de um processo de “pensar com”, que começa na faculdade, quando temos um aluno-

estagiário em atividade clínica, prossegue no início da carreira, seja por iniciativa própria do profissional, que busca um colega mais experiente para com ele discutir seus casos, seja em cursos de especialização para graduados. Sabemos que tal prática segue sendo feita sempre, enquanto mantemos a atividade clínica, seja conversando com colegas, num sentido que fica progressivamente mais horizontalizado, seja frequentando autores que compartilham seus casos e a compreensão interpretativa de seus casos com os leitores.

Na pesquisa empírica com o uso do método psicanalítico produzimos interpretações — os campos de sentido afetivo-emocionais — e precisamos refletir sobre eles, num verdadeiro “pensar com”, que em alguns momentos têm a figura do interlocutor claramente definida. Prosseguindo nossa analogia, consideramos que as interlocuções reflexivas nada mais são do que um processo de “pensar sobre os campos com uma companhia”.

Em nossa pesquisa, criamos/encontramos dois campos de sentido afetivo-emocionais. O primeiro, “Busca pela cura”, consiste num mundo vivencial organizado ao redor da crença de que o curso de graduação em psicologia pode proporcionar alívio para o sofrimento emocional. O segundo, “Cura pelo conhecimento”, é vivido ao redor da crença de que a cura seria obtida pela via do conhecimento.

Ao falarmos em campos, não podemos deixar de observar que para Bleger (1984) o campo é situação total do fenômeno que estudamos em um dado momento, ou seja, um recorte hipotético e transversal da situação. Tal recorte tem objetivos metodológicos e, ao realizarmos nossas pesquisas, não podemos ignorar que os campos surgem em contextos sociais, econômicos, políticos e históricos concretos. Não há como considerar qualquer fenômeno psicológico isoladamente desses contextos, do contrário estaríamos psicologizando nossas produções, adotando modelos abstratos e sem relação com nossas experiências vividas. No caso de nossa pesquisa, que estuda os imaginários coletivos de estudantes de psicologia sobre o curso, observamos que a escolha profissional não pode ser atribuída a uma condição psicológica individualizada e desconectada das condições concretas de sua vida.

Os dois campos criados/encontrados em nossa pesquisa apresentam a cura como componente central, o que nos remete a questão: curar de quê? Aqui fazemos referência a Winnicott [1962]/(2022) e à sua intenção de elaborar uma teoria de desenvolvimento, capaz de conduzir a cura “onde quer que haja anormalidade que signifique sofrimento para alguém” (Winnicott, 1962, p. 65). Tal afirmativa evidencia a proximidade entre sofrimento e cura.

Os dados relacionados ao sofrimento de jovens são incontestáveis (BARUS-MICHEL, 2005). Assis (2014), ao pesquisar o preconceito etário de idosos em relação a adolescentes, encontrou farta literatura: 1.619.672 de artigos sobre problemas da adolescência, que giram ao redor de questões relacionadas à saúde pública, tais como sexualidade ativa, gravidez precoce, uso de álcool e droga e distúrbios alimentares.

Para Assis (2014), a discriminação se dá por meio da atribuição ao adolescente

de características negativas, muitas vezes coincidentes com as questões abordadas nos artigos pesquisados pela autora. Tal fenômeno é análogo e encontra-se na base de outras formas de discriminação como a racial ou de gênero, e seus resultados revelam que a personalidade coletiva considera o adolescente ora como “ser problemático” ora como “ser negado”. Em qualquer um dos campos, a experiência de discriminação exclui adolescentes de um convívio integrado com seu ambiente e aumenta seu isolamento e o sofrimento que advém de tal relação. O que todas essas pesquisas parecem ter em comum, além da valorização de aspectos concretos da experiência (BLEGER, 1984), é a consideração do sofrimento por trás de vivências tão intensas e impactantes.

Será que o mundo contemporâneo incita experiências de sofrimento que não percebemos, levando nossos jovens a buscar alívio para tal situação? A esse respeito Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003) destacam que a vida atual contribui para alienar o homem de sua dimensão humana por conta do capitalismo que interfere nos vínculos que estabelecemos com as pessoas e intuições tendo o capital como intermediário. Tais relações representam interesses econômicos, que têm, sistematicamente, promovido desigualdade e exclusão social, dificultando a convivência entre dominadores e excluídos e o reconhecimento ético da alteridade.

Situações como a desigualdade, a busca por uma vida melhor e a exclusão acabam por determinar nossos destinos e escolhas interferindo dramaticamente em nossa vida. Nossa opção em utilizar narrativas busca valorizar os dramas (POLITZER, 2004) presentes nas experiências de exclusão e sofrimento descritas acima por Aiello- Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003). Salienta-se que nas narrativas, o que se destaca é justamente a procura pela superação de dificuldades ou, em outras palavras, a busca pela cura.

Para Bleger (1984) é fundamental que se contextualize a conduta para poder compreendê-la, ou seja, é o enquadramento que nos oferece as condições adequadas para acessar o drama. Por exemplo, frequentemente temos informações jornalísticas a respeito de crises econômicas e políticas, ou de casos de violência e preconceitos que provocam desemprego e movimentos migratórios, alterando o curso da vida de várias pessoas. Porém poucas vezes temos acesso ao viver dramático das pessoas envolvidas em tais situações, é justamente isso que as narrativas autobiográficas oferecem.

Citamos o exemplo de movimentos migratórios, mas como será que eles são vividos concretamente? Nas narrativas autobiográficas, são descritas duas situações diferentes sobre a mudança para um lugar diferente. Em uma delas a mudança se dá por conta de um novo desafio, na busca por estabilidade financeira e outra procura por soluções aos problemas de saúde.

Nas narrativas autobiográficas, encontramos tanto o encantamento com a nova vida, novos costumes como também o sofrimento pela distância de familiares e pela frequente troca de escolas e amigos. O sentimento de não pertencer a um grupo é constantemente tratado, aumentando os efeitos de sentir-se excluído e provocando o retraimento e a solidão

como parte integrante de suas experiências.

Outra descrição da exclusão se dá a partir de experiências relacionadas ao preconceito racial e econômico. São relatadas dificuldades por se sentir desrespeitado e vulnerável e o diploma superior é imaginado como uma forma de superar a desigualdade. Tal situação é estudada na pesquisa de Aiello-Fernandes (2013), que descreve o racismo como uma realidade presente na personalidade coletiva, que gera sofrimentos e desvantagens ao negro no Brasil. Entre os achados do autor, está a tentativa de superação da experiência do racismo através do esforço e competência individuais, que são aspectos também presentes nas narrativas autobiográficas.

A relação com os estudos está presente em as todas narrativas sendo decisiva sua importância na organização da descrição de vida de cada autora. Em alguns momentos, a escola parece ser um abrigo idealizado no qual as dificuldades inexistem, em outros se torna um pesadelo que expõe cada fragilidade pessoal. Há ainda situações em que a escola e o estudo são considerados como a possibilidade de estabelecer e manter vínculos pessoais e ascender socialmente. O ambiente escolar e a educação são vividos alternadamente como fatores de inclusão e exclusão, o que faz com que a busca por uma formação seja decisiva para a inserção no mundo.

Aqui é oportuno discutirmos a teoria do sofrimento humano em Winnicott. Sabemos que uma de suas preocupações diz respeito a convicção de alguns psicanalistas de que há limites para o tratamento psicanalítico das psicoses, considerado por alguns psicanalistas como não analisáveis. Tal visão é coerente com o modelo estrutural-pulsional (GREENBERG; MITCHELL, 1994), que tem a histeria como matriz (MEZAN, 2014). Este se baseia na compreensão de que o aparelho psíquico e seus conflitos intrapsíquicos são os responsáveis pelo sofrimento do indivíduo. Nessa perspectiva, o analista oferece ao analisando um saber sobre seus conflitos.

Em contrapartida a essa abordagem, os autores descrevem o modelo relacional, que considera que a existência humana é baseada em vínculos, interações e mediações com o outro (GREENBERG; MITCHELL, 1994). O pensamento winnicottiano se insere nesse modelo e tem a psicose como matriz, o que tem implicações para a compreensão do sofrimento.

Winnicott [1945]/(2021), ao falar sobre a psicose, diz que os pacientes psicóticos não esperam que a análise os torne mais conscientes, mas sim que lhes dê esperança de sentirem-se reais, coloca o papel do psicanalista em um patamar diferente daquele que trabalha em busca do autoconhecimento. O que importa é o reconhecimento sensível de uma existência que busca se manifestar espontaneamente e criativamente.

Daí podemos depreender uma teoria do sofrimento humano. A expressão “pessoas normais do tipo psicótico” utilizada por Winnicott (1945) é destacada por Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003) como uma referência a angústias existenciais profundas e a um sofrimento comum a toda humanidade. Para as autoras, tal sofrimento “compromete

o viver, seja por resultar numa alienação da realidade, seja por se manifestar como uma adaptação submissa e reverente aos cânones por ela ditados” (AIELLO-VAISBERG; MACHADO; BAPTISTA, 2003, p. 5). Nessa perspectiva, o sofrimento de não se sentir vivo ou real adquire contornos concretos, aproximando-nos da experiência sensível de ser, ou não, real.

O bebê que não desenvolveu um sentido de si mesmo sofre por não se sentir vivo ou real. Tal sofrimento faz parte da experiência de qualquer pessoa, sejam elas normais do tipo psicótico ou mesmo psicóticos.

A experiência de alienação, exclusão, submissão e futilidade do viver foram problematizadas por Winnicott (1960) ao discutir o verdadeiro e o falso *self*. Para ele o *self* verdadeiro se desenvolve a partir dos cuidados de uma mãe suficientemente boa, que alimenta a onipotência do bebê frente às suas necessidades, levando-o a estabelecer uma relação de confiabilidade com o mundo circundante. Esse vínculo permite o desenvolvimento da espontaneidade, da criatividade e da capacidade de brincar, organizando o mundo externo de acordo com seu potencial criativo.

Já no falso *self*, os cuidados não são suficientemente bons e a continuidade do ser do bebê é constantemente ameaçada por invasões ambientais que podem levar a agonias impensáveis, impedindo que o bebê se reconheça como pessoa a partir de seu próprio ponto de vista. Frente à angústia de sentir-se irreal e incapaz de ser espontâneo, o bebê desenvolve uma defesa, o falso *self*, para não se deparar com a possibilidade do aniquilamento. Nesses casos, o processo de maturação continua e permite que as pessoas tenham uma vida normal, com relacionamentos, responsabilidades e reconhecimento social, porém para elas a vida é vivida sem o desenvolvimento de seu potencial criativo. Resumindo, o termo falso *self* designa a ausência da sensação de realidade e a futilidade (WINNICOTT, [1956]/(2021)) quando não ocorre a provisão ambiental suficientemente boa.

Baseado nessas considerações, Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003) reconhecem na teoria winnicottiana um comprometimento “com o desespero daqueles que não podem se sentir vivos e reais e para os quais a vida carece de sentido, uma vez que se sentem absolutamente incapazes de usufruí-la” (AIELLO-VAISBERG; MACHADO; BAPTISTA, 2003, p. 5). Assim, sua teoria do sofrimento pode ser definida, nas palavras das autoras, como uma radical exclusão da corrente da vida e da convivência autêntica com os outros seres humanos.

Cabe acrescentar uma observação sobre o que consideramos ser uma contribuição de Bleger (1984) à teoria winnicottiana e que sustenta nossa compreensão a respeito do sofrimento humano. Para Winnicott (1956), a provisão ambiental suficientemente boa na fase inicial da maturação permite que o bebê “comece a existir, a ter experiências, a construir um ego pessoal, a dominar pulsões e a enfrentar todas as dificuldades inerentes à vida” (WINNICOTT, 1956, p. 497). Tais condições permitem o desenvolvimento do *self* e do gesto espontâneo.

Por outro lado, sem tal provisão do ambiente, não se desenvolvem nem o *self* e nem a sensação de realidade, fazendo com que o bebê se sinta ameaçado por invasões que interrompem sua sensação de “continuar a ser” produzindo “uma ansiedade primitiva muito real, que surge muito antes de qualquer ansiedade que inclua a palavra morte em sua descrição” (WINNICOTT, 1956, p. 496). A importância do ambiente e de sua condição de prover as necessidades do bebê é vinculada a uma função de maternagem, exercida normalmente pela mãe, por familiares ou pessoas de alguma forma próximas ao bebê.

Aiello-Vaisberg (2005) afirma que Bleger (1984) não se furta a ampliar a noção de ambiente para além de limites estritamente familiares. Coerentemente com a psicologia concreta de Politzer (2004), Bleger considera a pessoa humana que vive num determinado país e cidade, pertence a uma classe social e se insere em tradições culturais e religiosas específicas. Bleger (1958; 1984) considera que essas são as condições ambientais do homem concreto, que envolve outras pessoas e que fazem da existência humana uma coexistência (AIELLO-VAISBERG, 2005).

Portanto, ao estudarmos o ambiente, não devemos considerá-lo apenas como parte do processo de maturação. Nossa existência se dá a partir da relação que estabelecemos cotidianamente com nossas condições ambientais; se encontramos boas condições, desenvolvemos nosso potencial criativo, nossa espontaneidade e nos sentimos reais. Caso as condições não sejam suficientemente boas, deparamo-nos com o sofrimento. Tal observação é importante por levar em conta aspectos que vão além de uma leitura desenvolvimentista de Winnicott (1963), o que nos permite considerar que os vínculos e as condições atuais e concretas da vida pessoal também levam ao sofrimento.

Para Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003), quando a continuidade de ser é interrompida por acontecimentos dramáticos, a possibilidade de estar presente à própria experiência é barrada por uma retirada defensiva de si mesmo, o falso *self* assume sua condição cuidadora, e a vida aparentemente prossegue. A atuação dissociada do falso *self* evita o mergulho nas agonias impensáveis, porém o indivíduo não usufrui do sentimento de estar vivo, nem da sensação de ser real. Para as autoras: “Neste caso, estaremos diante de uma verdadeira ausência de si mesmo, de caráter nitidamente defensivo. Trata-se de uma radical exclusão da corrente da vida, da convivência autêntica com os outros seres humanos” (AIELLO-VAISBERG; MACHADO; BAPTISTA, 2003, p. 7).

Nunca é demais lembrar que a vida moderna nos lança desafios que nem sempre podemos superar. Constantemente nos deparamos com condições ambientais inadequadas às nossas necessidades.

A procura, por exemplo, de um bom emprego, que ofereça prestígio e reconhecimento social, além de ganhos compatíveis para manter tanto as necessidades básicas quanto os luxos e que permita o acúmulo de bens e riquezas é almejado por boa parte das pessoas que vivem no contexto capitalista. Tal emprego com certeza existe, porém não é acessível para a maior parte da população, o que reafirma mecanismos excludentes que podem ser

vividamente e provocar sofrimento e questionamentos pessoais relacionados à capacidade ou ao merecimento daquele emprego ou não.

As queixas relacionadas à falta de sentido da vida, sentimentos de futilidade, depressões, pânico, drogadições e violência são frequentes nos dias atuais. Segundo Aiello-Vaisberg (2005), trata-se de sofrimentos que comprometem a qualidade do viver e do sentir, e requerem uma clínica capaz de lidar com falhas ambientais ocorridas que comprometeram a continuidade de ser e o desenvolvimento emocional. É justamente desse sofrimento que estamos falando.

Os campos criados/encontrados em nossa pesquisa, “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento”, nos levou a refletir sobre o sofrimento e agora nos leva a pensar sobre a cura, tema controverso na psicanálise.

Freud e Breuer [1893-1895]/2016 escreveram juntos seus *Estudos sobre histeria* em que relatam casos de pacientes histéricas tratadas com o uso da hipnose. O objetivo dessa técnica era permitir o acesso a experiências traumáticas que eram recordadas através do hipnotismo e revividas no decorrer do trabalho terapêutico e ab-reagidas de forma adequada (RIEMENSCHNEIDER, 2004). Os sintomas eram tratados individualmente e sua remissão era considerada sucessos terapêuticos.

A hipnose foi abandonada por Freud que apresenta um novo método em *A interpretação dos sonhos* (1900): a associação livre. Freud pedia aos pacientes que relatassem todo e qualquer conteúdo que eles relacionavam com suas produções oníricas, mesmo os mais absurdos e incompreensíveis. Seu objetivo era permitir o acesso ao inconsciente reprimido e, dessa maneira, reestabelecer o equilíbrio do aparelho psíquico. A cura, termo que nunca foi totalmente aprovado por Freud, seria consequência da ampliação da consciência. A máxima “tornar consciente o inconsciente” é que permite a cura.

Com a publicação de *O ego e o id* (FREUD, 1923) e a organização do aparelho psíquico em id, ego e superego, os esforços terapêuticos da psicanálise se dirigem para o fortalecimento do ego, para torná-lo mais independente do superego e assenhorar-se de novas porções do id. A máxima passa a ser: “Onde estava o id, ali estará o ego” (FREUD, 1923).

Cada reorganização teórica de Freud levava a uma diferente concepção terapêutica e abria novas possibilidades de natureza interpretativa sobre a função da análise. A cura era uma consequência do trabalho analítico e não seu objetivo. Essa questão continuou a preocupar os psicanalistas contemporâneos a Freud e permaneceu como herança para seus seguidores. O debate sobre a cura em psicanálise se tornou ainda mais complexo entre os analistas pós-freudianos, filiados a diferentes tradições clínicas e epistemológicas. Discuti-las, nesse momento, nos distanciaria de nosso objetivo, por isso nos mantemos aliados à perspectiva winnicottiana sobre qual motivo leva as pessoas a buscar psicoterapia.

Abram (2000) destaca que, no capítulo IV de *O brincar e a realidade* (1971), Winnicott apresenta a psicoterapia como sendo uma busca pelo *self*, a busca por sentir-se real. Para

a autora, o paciente que não experimentou o relaxamento da não integração na relação com a mãe precisa ir ao encontro dessa experiência com o terapeuta. Tal posição, por parte do analista, dá sustentação ao potencial criativo, resgata a confiabilidade no ambiente e oportuniza o estabelecimento de uma relação brincante com ele.

Winnicott (1971a) é contundente ao afirmar que: “É no brincar, e apenas no brincar, que a criança ou o adulto conseguem ser criativos e utilizar toda a sua personalidade, e somente sendo criativo o indivíduo pode descobrir o *self*.” (WINNICOTT, 1971a, s. p.). Vale lembrar que ser criativo para ele não é buscar apenas por uma experiência estética ou artística, mas sim estabelecer um vínculo espontâneo e real com o seu ambiente.

Herrmann (1979) considera importante pensar a cura como um movimento para a realização de potencialidades, dessa maneira a cura não é o ponto final do tratamento, mas sim o próprio tratamento. Esse deslocamento de uma idealização da cura rumo a um movimento para cura é significativo por permitir um retorno à experiência concreta da análise, fundamentada no vínculo que se estabelece entre analista e analisando. Herrmann (1979) é mais claro ao responder sua pergunta retórica:

De que cura a psicanálise? Com toda a simplicidade podemos responder: a Psicanálise cura o homem de seu esquecimento. Na sociedade contemporânea observa-se um movimento ao mesmo tempo excêntrico e fragmentador. Os caminhos da tecnologia afastam o homem de seu centro e o rompem em pedaços, identificados com sempre mutáveis projetos de satisfação, criados pelo próprio sistema de aceleração cultural que adia, a cada momento, a condição de satisfação e o repouso que parece estar buscando construir. (HERRMANN, 1979, p.14)

As condições ambientais subjacentes à questão da cura levantadas por Herrmann (1979) coincidem com a teoria do sofrimento humano referidas por Aiello-Vaisberg (2005) e Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003).

A mesma cultura que promove o descentramento de si, fragmenta a experiência humana e promove sentimentos de irrealidade e futilidade e permite ao homem cobrir seu sofrimento com o véu do esquecimento. Para Herrmann (1979) “a Psicanálise busca levantar esse véu, desvelar o olvidado, mostrar o descentramento e a ruptura internos do sujeito, para curá-lo do excesso de fragmentação. Nesse caminho, nosso método tem-se mostrado eficaz” (HERRMANN, 1979, p.14).

Apesar de concordamos com as reflexões a respeito da cura de Herrmann (1979), divergimos dele na maneira de usar clinicamente o método psicanalítico. Enquanto ele adota uma posição interpretativa sobre os campos, nós propomos o amparo ambiental para quem não teve tal experiência. Reafirmamos que, para nós, todos os eventos humanos são concretos e se dão a partir do encontro com o outro, inclusive a clínica. Se considerarmos que “o adoecimento se dá nos vínculos, isto é, no espaço interpessoal que pode oferecer sustentação existencial ou não” (MEDEIROS; AIELLO-VAISBERG, 2010), a cura também se dará a partir dos vínculos.

Curar, nesse contexto, é promover mutação, não relacionada a um saber, mas a um sentir, um sentir-se ligado a um sentido de continuidade de ser, que permite o estabelecimento do *self* e do mundo “*not-me*”, como acontecimentos essencialmente simultâneas (AIELLO-VAISBERG, 2003).

Em outras palavras, a cura pode ser compreendida como uma forma de beneficiar concretamente pessoas que experimentam o sofrimento, mesmo que elas procurem apenas “tranquilidade para os nervos” (AIELLO-VAISBERG, 2005, p. 6). Nesse sentido, devemos pensar em formas de beneficiar com conhecimentos psicológicos, a quem precisar ou se interessar, mesmo quando não há capacidade de formular uma demanda específica de psicoterapia (AIELLO-VAISBERG, 2005). Trata-se de uma função social da clínica psicológica a que devemos ficar sensíveis e atentos.

Se no campo “Busca pela cura” dissemos que a cura se vincula a sofrimentos de não se sentir real, criativo ou espontâneo, no segundo campo “Cura pelo conhecimento” há a crença de que a cura seria obtida pela via do conhecimento.

Este campo complementa o anterior na medida em que tematiza o sofrimento e destaca o valor do conhecimento em nossa cultura. Em um mundo desigual e excludente, que não oferece sustentação, ocorre “uma substituição da experiência vivida pela informação” (MEDEIROS; AIELLO-VAISBERG, 2010, p.103). Segundo as autoras, tal troca promove um afastamento de si mesmo e compõe o cenário perfeito para o adoecimento, a solidão e a artificialidade.

Cada pessoa pertence a um segmento social ou cultural e lida com tais sofrimentos com os instrumentos que lhes são acessíveis e críveis: alguns procuram por psicoterapia, outros por tratamento religioso (RABELO, 1994; MINAYO, 1994), pela medicina popular (MAUÉS, 1994), através de fármacos ou pela medicina convencional (QUEIROZ, 1994). Há também aqueles que lidam com o sofrimento a partir do uso de recursos intelectuais e/ou racionais.

O acesso a tais recursos é cada vez mais fácil. Aiello-Vaisberg (2005), por exemplo, faz referência ao público que tem contato com a psicologia através de programas ou novelas na televisão. Sabemos que nossa compreensão dos fenômenos que nos cercam é condicionada pelas contingências históricas, sociais e culturais, e que os grandes meios de comunicação influenciam e criam demandas e necessidades. A televisão e, mais recentemente, a internet são responsáveis por promover discussões sobre os mais variados temas, em grande velocidade e com ampla repercussão na vida das pessoas. Um número infinito de informações está ao alcance de todos a partir do uso das telas de um celular ou um computador, divulgando tanto conhecimento de boa qualidade quanto estereótipos. A facilidade de acesso e transmissão de informações pode levar algumas pessoas à ideia de que o aprendizado de teorias pode tornar alguém mais parecido com o que se imagina que seria um psicólogo, ou seja, como um indivíduo mais calmo, bem resolvido e reconhecido no grupo social em que está inserido.

A crença de que o conhecimento teórico é capaz de resolver problemas pessoais destacada no campo “Cura pelo conhecimento” é discutida por Winnicott (1960) ao refletir sobre a valorização de aspectos intelectualizados do indivíduo. Segundo ele, em pessoas com grande potencial intelectual, “há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso *self*, e nesse caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a experiência psicossomática” (WINNICOTT, 1960, p. 132).

Levando-se em conta que Winnicott [1949]/(2021) não considera que a mente exista como entidade, a afirmação anterior nos coloca frente a uma situação que merece toda a nossa atenção. Para ele, o conceito de mente tem raízes na ausência de um ambiente suficientemente bom, que se adapte ativamente às necessidades do bebê, não permitindo que sua experiência de continuidade de existência seja perturbada, ou seja, um mau meio ambiente.

Quando o bebê não consegue se adaptar ao meio ambiente mau, este se torna uma invasão, contra a qual o bebê precisa reagir, o que perturba sua continuidade de existência. O fracasso materno em tornar o ambiente bom, produz o crescimento da função mental como reação à maternagem inconstante. Segundo Winnicott (1949), as raízes da mente se encontram no funcionamento do psique-soma que trata da ameaça de continuidade de existência que se segue a qualquer fracasso de adaptação ambiental. Em outras palavras, o indivíduo passa a organizar mentalmente os cuidados que deveriam ser dispensados pelo ambiente, substituindo a mãe suficientemente boa e tornando-a desnecessária.

Outro ponto a ser destacado nessa questão, diz respeito ao fato de muitos psicólogos afirmarem que escolheram o curso para ajudar os outros (BASTOS; GOMIDE, 1989; MAGALHÃES *et al.*, 2001; GONDIM; BARROS, 2022), sobre este tema Winnicott (1949) afirma que:

Clinicamente, pode-se observar uma pessoa assim transformar-se em alguém que é uma mãe maravilhosamente boa para os outros por um período limitado de tempo; na verdade, uma pessoa que se desenvolveu dessa forma pode ter propriedades quase mágicas de aliviar o sofrimento alheio por causa da capacidade extrema de se adaptar ativamente a necessidades primitivas (WINNICOTT, 1949, p. 414-415).

Tal observação está presente nos relatos de nossa pesquisa. Em vários momentos foram destacadas tanto a busca pela cura do outro, como também a consideração do outro como forma de se obter a própria cura. Não há como não retornar a Winnicott (1949) na seguinte observação:

Há a ameaça ou a ocorrência de um colapso, porque o indivíduo está o tempo todo precisando achar outra pessoa que torne real esse conceito de “meio ambiente bom”, de modo a poder retornar ao psique-soma dependente, que forma o único lugar a partir do qual ele pode viver (WINNICOTT, 1949, p. 415).

Parece-nos importante destacar que do ponto de vista winnicottiano, o intelecto apurado pode tanto ajudar quanto atrapalhar na formação profissional do psicólogo. O

intelecto ajuda em qualquer profissão, mas ele deve contribuir no estabelecimento de vínculos e de preocupação com o outro, do contrário, contribui para o isolamento e para a exclusão pessoal.

Consideramos importante ressaltar que atualmente há uma convergência entre psicoterapeutas de diferentes linhas, no sentido de que o fator curativo por excelência seria a relação entre paciente e terapeuta. Os trabalhos de Braga e Vandenberghe (2006) e Banaco (1997) sobre a relação terapêutica nas psicoterapias neocomportamentais e de Vogel (2012) na Gestalt-terapia e na teoria sistêmica construcionista social são bons exemplos de como o vínculo e a relação têm se tornado objeto de interesse de pesquisadores com formações teóricas tão diversas.

Na psicanálise autores como Greenberg e Mitchell (1994) que propõem o reconhecimento de que somos constituídos por vínculos e que amadurecemos em contextos vinculares permitiu-nos aprofundar nossa leitura metodológica de Politzer, Bleger, Herrmann e Winnicott.

Nosso grupo de pesquisa tem se dedicado à investigação do imaginário coletivo, conduta imaginativa que ocorre no contexto da intersubjetividade, com o objetivo de dar o devido valor ao substrato afetivo-emocional das manifestações simbólicas que influenciam as ações no mundo.

Toda conduta emerge de campos de sentido afetivo-emocional, que são humanamente produzidos e ganham forma a partir de atos humanos, sejam eles simbólicos, corporais ou atuações diretas na realidade compartilhada (AMBRÓSIO; AIELLO-FERNANDES; AIELLO-VAISBERG, 2013).

Nossa investigação sobre o imaginário coletivo de alunos de psicologia sobre seu curso criou/encontrou dois campos de sentido afetivo-emocional: “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento”. Em ambos a questão do sofrimento aparece como algo a ser superado, já que há uma expectativa de cura envolvida.

Podemos nos questionar sobre o porquê o sofrimento aparece de forma tão persistente nas narrativas autobiográficas. Se as considerarmos coletivamente, observamos que os relatos revelam uma experiência que não pertence apenas aos autores, mas sim a todos nós. A personalidade coletiva evidencia que atravessamos tempos de indefinições e de dificuldades em sentir que pertencem ao mundo em que vivemos.

Apesar dos recentes avanços sociais, ainda somos um país marcado por grandes desigualdades onde grande parte da população vive em situação de precariedade. Tal fato tem levado os psicólogos a se deparar com queixas relacionadas a experiências de humilhação, injustiça e desamparo, que podem ser consideradas como sofrimentos sociais e determinam a possibilidade ou não de inserção social, econômica ou profissional.

Nas narrativas autobiográficas apresentadas, a forma de superar tais limitações ou curar-se se dá pela aquisição do conhecimento. A facilidade de acesso a um grande número de informações através de vários meios divulga a profissão do psicólogo para o

grande público, porém ainda persiste a ideia de que esse profissional é um artigo de luxo (PEREIRA, 1975).

A formação profissional surge como uma alternativa imaginária interessante, pois oferece a oportunidade de, ao adquirir um saber, as pessoas poderem simultaneamente se inserir no mercado de trabalho e conhecer os problemas que causam aflição. O maior acesso à educação possibilita as condições concretas para que tal fenômeno ocorra.

Outra consideração deve ser feita em relação à cura pelo conhecimento, já que a crença em se curar dessa maneira vai na contramão do que algumas correntes que valorizam a experiência emocional como caminho de transformação. Winnicott (1971b), por exemplo, apresenta a psicoterapia como uma busca pelo *self*, pela sensação de sentir-se real e capaz do gesto espontâneo, considerando a valorização do intelecto uma forma de dissociação entre a atividade intelectual e a experiência psicossomática (WINNICOTT, 1960).

A valorização do intelecto e da razão parece cada vez mais se impor como valores de nossa cultura se sobrepondo às necessidades pessoais de cada um de nós. Parece que as contradições que vivemos em nosso cotidiano cada vez mais criam condições para que o sofrimento humano se manifeste (BLEGER, 1984). Na perspectiva winnicottiana, tal contradição é vivida nas experiências entre o verdadeiro e o falso *self*, em que a busca por sentir-se criativo, espontâneo e sem se submeter às invasões ambientais, confronta-se com o mundo em que vivemos, com projetos de sucesso e reconhecimento, que implicam uma submissão ao que é socialmente prescrito.

No início da pesquisa, afirmamos que nossas interpretações revelam algo que coincide com o que é dito em conversas informais, que estudantes de psicologia buscam no curso a solução dos próprios problemas. Nossos dados mostram que tal peculiaridade não pode ser atribuída apenas ao curso de psicologia, já que lidamos com um sofrimento que é comum a todos nós em algum momento de nossas vidas: a sensação de não se sentir real.

O fato de os estudantes buscarem a cura pelo conhecimento não é um problema, já que isto pode ser libertador na medida em que nomeia e dá sentido às experiências de sofrimento (HOOKS, 2013). Porém é importante que não se perca a capacidade de estabelecer vínculos e relações com as pessoas, para que o conhecimento não se configure como um afastamento.

No que se refere aos estudantes de psicologia, consideramos que o assunto merece atenção de pesquisadores em aspectos diversificados que podem estudar o sofrimento desses alunos no decorrer do curso, sua formação profissional e até uma preocupação com o fato de que tal imaginário pode contribuir ou não em seu exercício profissional.

# REFERÊNCIAS

- ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**: Dicionário das expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- AGUIRRE, A. M. B. *et al.* A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. **Psicologia USP [on-line]**, v. 11, n. 1, p. 49-62, 2000. Epub 15 Set 2000. ISSN 1678-5177. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100004>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- AIELLO-FERNANDES, R. “**Da entrada de serviço ao elevador social**”: racismo e sofrimento. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15958>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Sofrimento e adolescência no mundo contemporâneo sob a perspectiva da psicologia social clínica. *In*: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. **Proceedings online**[...] Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000100032&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100032&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 11 jan. 2023.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. O método psicanalítico na pesquisa clínica ampliada. *In*: JORNADA DE PESQUISA EM PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA: PESQUISA QUALITATIVA EM SAÚDE MENTAL – PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS E FENOMENOLÓGICAS, 2., 2008, Campinas. **Anais**[...] Campinas: PUC-Campinas, p. 69-83, 2008.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana. **Psicologia USP [on-line]**, v. 14, n. 1, p. 95-128, 2003. Epub 03 Nov 2003. ISSN 1678-5177. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100007>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Narrativas: o gesto do sonhador brincante. *In*: IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 2005, São Paulo. **Anais**[...] São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise, 2005.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Diagnóstico estrutural de personalidade em psicopatologia psicanalítica. **Psicologia USP [on-line]**, v. 11, n. 1, p. 29-48, 2000. Epub 15 Set 2000. ISSN 1678-5177. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100003>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. e BAPTISTA, A. M. Sofrimento Humano e Psicanálise Contemporânea. *In*: **II Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise**, Rio de Janeiro. v. 1. p. 1-11, 2003.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia**. 1999. Tese (Livre Docência em Psicopatologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.47.2006.tde-24022006-090139>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- AMBROSIO, F. F.; AIELLO-FERNANDES, R. e AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. *In*: XI JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL. 2013, **Anais**[...] São Paulo: Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 2013.

- ASSIS, N. D. P. **Problemáticos ou invisíveis: o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes**. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, 2014.
- BANACO, R. A. Tendências neo-behavioristas da terapia comportamental: uma análise sobre a relação terapêutica. *In: I Encontro sobre Psicologia Clínica*, v. 1, São Paulo: Universidade Mackenzie, p. 47-52, 1997.
- BARANGER, M. BARANGER, W. "La situación analítica como campo dinámico". **Revista Uruguaya de Psicoanálisis**, v. 4, n. 1, Reimpressão: Problemas del campo psicoanalítico. Buenos Aires: Kargieman, (trabalho original publicado em 1961-1962), 1969.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. Lisboa. 1979.
- BARRETO, M. A. e AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. **Psicologia & Sociedade [on-line]**, v. 19, n. 1, p. 107-114, 2007. Epub 28 Maio 2007. ISSN 1807-0310. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100015>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- BARUS-MICHEL, J. Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. *In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE*, 1., 2005, São Paulo. **Anais eletrônicos[...]** Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000082005000100018&lng=pt&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100018&lng=pt&nrm=abn). Acesso em: 12 jan. 2023.
- BASTOS, A. V. B.; GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão [on-line]**, v. 9, n. 1, p. 6-15, 1989. Epub 28 Set 2012. ISSN 1982-3703. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931989000100003>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- BERNARDI, B. L. Introducción al trabajo de Madeleine y Willy Baranger: La situación analítica como campo dinámico. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis [on-line]**, n. 108, p. 198-222, 2009. Disponível em: <https://www.apuruguay.org/apurevista/2000/16887247200910810.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- BLEGER, J. **Psicoanálisis y dialetica materialista**. Buenos Aires: Paidós, 1958.
- BLEGER, J. **Psicologia da conduta**. Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1963), 1984.
- BLEGER, J. Teoría y práctica en psicoanálisis - La praxis psicoanalítica. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis**, v. 11, n. 3-4, p. 287-303, 1969. ISSN 1688-7247. Disponível em: <https://www.apuruguay.org/apurevista/1960/16887247196911030405.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional: A estratégia Clínica**. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979) 1987.
- BRAGA, G. L. B.; VANDENBERGHE, L. Abrangência e função da relação terapêutica na terapia comportamental. **Estudos de Psicologia (Campinas) [on-line]**, v. 23, n. 3, p. 307-314, 2006. ISSN 1982-0275, Epub 09 Out 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2006000300010>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- CASTRO, A. C.; BICALHO, P. P. G. Juventude, território, Psicologia e política: intervenções e práticas possíveis. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, p. 112-123, 2013. Epub 06 Jan 2014. ISSN 1982-3703. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/t5LGt5yrjNHD8K7XdhFLXQN/?format=html&lang=pt#>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CATHARINO, T. R. Fragmentos da história da psicologia no Brasil: algumas notas sobre teoria e prática. **Mnemosine**, v. 1, n. 0, p. 103-107, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41342>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CORBETT, E. **Contos sem fadas: mães e filhos em situação de violência doméstica**. Tese de doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15684>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CUNHA, L. A. Desenvolvimento desigual e combinado no ensino superior: Estado e mercado. **Educação & Sociedade**, v. 25, n.88, p. 795-817, 2004. Epub 19 Jan 2005. ISSN 1678-4626. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000300008>. Acesso em: 12 jan. 2023.

DAVIES, P. *et al.* Labour market motivation and undergraduates' choice of degree subject. **British Educational Research Journal**, v. 39, n. 2, p. 361-382, 2013.

D'AVILA, G. T. *et al.* Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 350-358, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200016>. Acesso em: 12 jan. 2023.

DIAS, M. S. DE L.; SOARES, D. H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão [on-line]**, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012. Epub 30 Jul 2012. ISSN 1982-3703. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200002>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FEIJOO, A. M. L. C.; MAGNAN, V. C. Análise da escolha profissional: uma proposta fenomenológico-existencial. **Psicologia: Ciência e Profissão [on-line]**, v. 32, n. 2, p. 356-373, 2012. Epub 30 Jul 2012. ISSN 1982-3703. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200007>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FREUD, S. **A interpretação dos Sonhos**. Obras Completas, v. 4. São Paulo: Cia das Letras, (Trabalho original publicado em 1900), 2019.

FREUD, S. **Fragmento da análise de um caso de histeria**. Obras completas, v. 6. São Paulo: Cia das Letras, (Trabalho original publicado em 1901-1905), 2016.

FREUD, S. **"O caso Schreber" e outros textos**. Obras completas, v. 10. São Paulo: Cia. das Letras, (Trabalho original publicado em 1911), 2010.

FREUD, S. **A dinâmica da transferência**. Obras completas, v. 10. São Paulo: Cia. das Letras, (Trabalho original publicado em 1911-1913), 2010.

FREUD, S. **O ego e o id**. Obras completas, v.16. São Paulo: Cia. das Letras, (Trabalho original publicado em 1923), 2011.

FREUD, S; BREUER, J. **Estudos sobre a histeria**. Obras completas, v. 2. São Paulo: Cia. das Letras, (Trabalho original publicado em 1893-1895), 2016.

GENERETT, G. G.; COZART, S. **The Spirit Bears Witness: Reflections of Two Black Women's Journey in the Academy**. Negro Educational Review, 2011.

GONDIM, S.; BARROS, L. O. A escolha da profissão de psicóloga(o) e a carreira: o que mudou ao longo do tempo? *In: Quem faz a psicologia brasileira?* Um olhar sobre o presente para construir o futuro, volume I: formação e inserção no mundo do trabalho [recurso eletrônico]. Conselho Federal de Psicologia. 1. ed. Brasília: CFP, p. 73 a 84, 2022. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/censo-da-psicologia-brasileira-volume-1/>. Acesso em: 14 jan. 2023

GRANATO, T. M. M.; CORBETT, E.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Narrativa interativa e psicanálise. **Psicologia em estudo**, Maringá v. 16, p. 157-163, 2011. Epub 13 Jul 2011. ISSN 1807-0329. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/8Vrkcz4wbyXxF9PDRGQty9P/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2023.

GREENBERG, J. R.; MITCHELL, S. A. **Relações objetais na teoria psicanalítica** (Emilia de Oliveira Diehl, trad.). Porto Alegre: Artmed, 1994.

GUIGEN, A. P. *et al.* Fonoaudiologia como opção de carreira universitária: estudo exploratório = Speech language pathology and audiology as a higher education option: exploratory study. **Revista CEFAC [on-line]**, v. 16, n. 3, p. 974-984, 2014. ISSN 1982-0216. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0216201426212>. Acesso em: 14 jan. 2023.

HERRMANN, F. Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas. *In: Interpretação: sobre o método da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

HERRMANN, F. **Andaimes do real: o método da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, (Trabalho original publicado em 1979), 1991.

HERRMANN, F. **Introdução à Teoria dos Campos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004

HERRMANN, F. Teoria dos Campos: uma pequena história. **Jornal de Psicanálise**, v. 40, n. 73, p. 69-75, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352007000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000200004). Acesso em: 14 jan. 2023.

HOOKS, B. A teoria como prática libertadora. *In: Aprendendo a transgredir*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LANGENBACH, M.; NEGREIROS, T. C. G. M.; A formação complementar: um labirinto profissional. *In: Quem é o psicólogo brasileiro*, Conselho Federal de Psicologia p. 86-99, 1988.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, (Trabalho original publicado em 1967), 1986.

LEHMAN, Y. P. University students in crisis: university dropout and professional re-selection. **Estudos de Psicologia (Campinas) [on-line]**, v. 31, p. 45-54, 2014. Epub 19 May 2014. ISSN 1982-0275. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000100005>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MAGALHÃES, M. *et al.* Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. **Psicologia: ciência e profissão [on-line]**, v. 21, n.2, p. 10-27, 2001. Epub 10 Set 2012. ISSN 1982-3703. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000200003>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MANOEL, R. A. *et al.* O papel do trabalho e da formação acadêmica no projeto profissional do trabalhador da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde [on-line]**, v. 12, n.3, p. 595-614, 2014. ISSN 1981-7746. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00008>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MAUÉS, R. H. Medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia. In: **Saúde e doença: um olhar antropológico [on-line]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tj4g>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MEDEIROS, C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Acordes do sofrimento humano. **Contextos Clínicos**, v. 3, n. 2, p. 97-105, 2010. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/4566>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MENEZES, R. L. C.; MEDRADO, B. P. Formação em psicologia clínica: o estágio supervisionado como atividade potencial de desenvolvimento profissional. **Revista InterScientia**, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/34>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MEZAN, Renato. **O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MINAYO, M.C.S. Representações de cura no catolicismo popular. In: **Saúde e doença: um olhar antropológico [on-line]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tj4g>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MOURA, C. B.; SILVEIRA, J. M. Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento: avaliação de uma experiência. **Estudos de Psicologia (Campinas) [on-line]**, v. 19, p. 5-14, 2002. Epub 06 Mar 2009. ISSN 1982-0275. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2002000100001>. Acesso em: 14 jan. 2023.

NOGUEIRA, C. M. M.; PEREIRA, F. G. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educação em Revista [on-line]**, v. 26, p. 15-38, 2010. Epub 17 Jan 2011. ISSN 1982-6621. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000300002>. Acesso em: 14 jan. 2023.

OLIVEIRA, M. D.; MELO-SILVA, L. L. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. **Psicologia Escolar e Educacional [on-line]**, v. 14, p. 23-34, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100003>. Acesso em: 14 jan. 2023.

OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R.; NUNES, M. L. T. Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?. **Psico-USF [on-line]**, v. 13, n. 2, pp. 287-296, 2008. Epub 07 Out 2011. ISSN 2175-3563. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000200015>. Acesso em: 15 jan. 2023.

PEREIRA, S. L. M. **Psicologia: características da profissão**. Boletim de Psicologia, XXVI, v. 69, p. 41-50, 1975.

PINERO RAMIREZ, S. L. Jóvenes universitarios: desigualdades socioculturales y diversidad de representaciones en torno a la profesión. **LiminaR (San Cristóbal de las Casas)** v. 10, n. 1, p. 33-45, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1665-80272012000100003&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-80272012000100003&lng=es&nrm=iso). Acesso em 15 jan. 2023.

PINTO, T. M. G. e CASTANHO, M. I. S. Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários. **Estudos de Psicologia (Campinas) [on-line]**, v. 29, n. 3, p. 395-413, 2012. Epub 01 Out 2012. ISSN 1982-0275. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000300010>. Acesso em 15 jan. 2023.

POLITZER, G. **Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise**. 2ª edição. Piracicaba: Editora UNIMEP, (Trabalho original publicado em 1928), 2004.

PRICE, S. L. *et al.* Choosing nursing as a career: a narrative analysis of millennial nurses' career choice of virtue. **Nursing inquiry**, v. 20, n. 4, p. 305-316, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/nin.12027>. Acesso em 15 jan. 2023.

QUEIROZ, M.S. Farmacêuticos e médicos: um enfoque antropológico sobre o campo de prestação de serviços de saúde em Paulínea. *In: Saúde e doença: um olhar antropológico [on-line]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tdj4g>. Acesso em: 14 jan. 2023.

RABELO, A. O. “Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. **Revista Lusófona De Educação**, v. 15, p. 163-173, 2010. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1531>. Acesso em 15 jan. 2023.

RABELO, M.C.M. Religião, ritual e cura. *In: Saúde e doença: um olhar antropológico [on-line]*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/tdj4g>. Acesso em: 14 jan. 2023.

RIBEIRO, M. M. F. *et al.* A opção pela medicina e os planos em relação ao futuro profissional de estudantes de uma faculdade pública brasileira. **Revista brasileira de educação médica**, v. 35, p. 405-411, 2011. Epub 29 Ago 2011. ISSN 1981-5271. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022011000300015>. Acesso em 15 jan. 2023.

RIEMENSCHNEIDER, F. e AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Memórias e experiências de alunos da primeira turma de um curso de psicologia**. Poços de Caldas, edição do autor, 2014.

RIEMENSCHNEIDER, F. **Da histeria... para além dos sonhos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

RIEMENSCHNEIDER, F., AMBROSIO.F.F.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Memoriais de estudantes de psicologia: um estudo psicanalítico sobre a motivação para a escolha do curso de psicologia. *In: IX Jornada Apoiar: Violência doméstica e Trabalho em Rede: compartilhando experiências - Brasil, Argentina, Chile e Portugal. Anais[...]*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, p. 204-211, 2011.

RIEMENSCHNEIDER, F. *et al.* Drama e experiência no pensamento de Politzer: Considerações preliminares. *In: X Jornada Apoiar: O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social – 20 anos: o percurso e o futuro. Anais[...]* p. 280-29. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012

SALES, A. C. M.; CHAMON, E. M. Q. O. Escolha da carreira e processo de construção da identidade profissional docente. **Educação em Revista [on-line]**, v. 27, n. 3, p. 183-210, 2011. Epub 24 Maio 2012. ISSN 1982-6621. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000300010>. Acesso em 15 jan. 2023.

SÁNCHEZ AGÜERO, R. Á. *et al.* Círculos de interés de Enfermería en la enseñanza prescolar y primaria: experiencia de siete años. **Edumecentro**, v. 5, n. 3, p. 69-81, 2013. Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S2077-28742013000300005&script=sci\\_arttext&lng=pt](http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S2077-28742013000300005&script=sci_arttext&lng=pt). Acesso em 15 jan. 2023.

SARAIVA, L. A.; NUNES, M. L. T. A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. **Estudos de Psicologia (Natal) [on-line]**, v. 12, p. 259-268, 2007. Epub 14 Out 2011. ISSN 1678-4669. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000300008>. Acesso em 15 jan. 2023.

- SEI, M. B.; PAIVA, M. L. S. C. Grupo de supervisão em Psicologia e a função de holding do supervisor. **Psicologia Ensino & Formação**, v. 2, n. 1, p. 9-20, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612011000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612011000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 15 jan. 2023.
- SOUZA, L. G. S. *et al.* Oficina de orientação profissional em uma escola pública: Uma abordagem psicossocial. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, p. 416-427, 2009. Epub 09 Mar 2012. ISSN 1982-3703. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200016>. Acesso em 15 jan. 2023.
- SPINDOLA, T. *et al.* *The meaning of the profession to students beginning a nursing undergraduate course*. **Revista Brasileira de Enfermagem [on-line]**, v. 64, p. 725-731, 2011. Epub 24 Feb 2012. ISSN 1984-0446. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000400015>. Acesso em 15 jan. 2023.
- TAULKE-JOHNSON, R. Queer decisions? Gay male students' university choices. **Studies in Higher Education**, v. 35, n. 3, p. 247-261, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03075070903015755>. Acesso em 15 jan. 2023.
- VALORE, L. A.; CAVALLET, L. H. R. Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicologia & Sociedade [on-line]**, v. 24, p. 354-363, 2012. Epub 23 Ago 2012. ISSN 1807-0310. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200013>. Acesso em 15 jan. 2023.
- VOGEL, A. O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista. **Revista IGT na Rede**. ISSN 1807-2526, v. 9, n. 16, 2012. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/331>. Acesso em 15 jan. 2023.
- WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. *In: Da pediatria à psicanálise: Escritos reunidos*. São Paulo: Ubu Editora, (Trabalho original publicado em 1945), 2021.
- WINNICOTT, D. W. A mente e sua relação com o psique-soma. *In: Da pediatria à psicanálise: Escritos reunidos*. São Paulo: Ubu Editora, (Trabalho original publicado em 1949), 2021.
- WINNICOTT, D. W. Preocupação materna primária. *In: Da pediatria à psicanálise: Escritos reunidos*. São Paulo: Ubu Editora, (Trabalho original publicado em 1956), 2021.
- WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. *In: Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. São Paulo: Ubu Editora, (Trabalho original publicado em 1960), 2022.
- WINNICOTT, D. W. Provisão para a criança na saúde e na crise. *In: Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. São Paulo: Ubu Editora, (Trabalho original publicado em 1962), 2022.
- WINNICOTT, D. W. O brincar: atividade criativa e a busca do *self*. *In: O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, (Trabalho original publicado em 1971a), 2019.
- WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. *In: Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. São Paulo: Ubu Editora, (Trabalho original publicado em 1963), 2022.
- WINNICOTT, D. W. A atividade criativa e a busca do Eu (*Self*). *In: O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, (Trabalho original publicado em 1971b), 2019.

**FABIO RIEMENSCHNEIDER:** Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP e Doutor em Psicologia: Ciência e Profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC/Campinas). É professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Poços de Caldas e Bolsista Produtividade em Pesquisa (PQ/UEMG). É coordenador do Grupo de Estudos e pesquisas sobre Ambiente, Cultura e Educação (GEPACE-UEMG) e integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação (NEP-UEMG) e Psicopatologia, Psicanálise e Sociedade da Universidade de São Paulo (USP). Desenvolve pesquisas focadas na investigação de imaginários coletivos com o uso do método psicanalítico

**ÍNDICE REMISSIVO****B**

Bleger, J. 38

**C**

Campos de sentido afetivo-emocionais 12, 14, 16, 17, 20, 24, 26

Conduta 3, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 27, 35, 38

Cura 15, 24, 26, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 41, 42

**E**

Escolha profissional 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 26, 38, 39, 42

**F**

Freud 10, 12, 13, 31, 39

**I**

Imaginário coletivo 6, 5, 16, 17, 20, 24, 35, 38

**N**

Narrativa 4, 5, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 21, 23, 25, 40

**P**

Pesquisa psicanalítica 12

Politzer, G. 41

**S**

*Self* 8, 9, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 43

Sofrimento 5, 7, 8, 9, 12, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41

**W**

Winnicott, D. W. 43

Este livro investiga psicanaliticamente o imaginário de estudantes de psicologia sobre o curso de graduação. Justifica-se por lançar luz sobre os motivos pelos quais a profissão é escolhida, fato que, a nosso ver, merece ocupar a atenção dos professores, instituições de ensino, psicólogos e da sociedade. Organiza-se, metodologicamente, segundo procedimentos investigativos que operacionalizam o uso do método psicanalítico a partir da perspectiva da psicologia concreta blegeriana.

Trabalhamos com narrativas autobiográficas, publicadas por alunos ingressantes de uma faculdade particular e, após sucessivas exposições a este material, usando o método psicanalítico, ou seja, associação livre e atenção flutuante, permitiram a produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocional: "Busca pela cura" e "Cura pelo conhecimento".

O primeiro define-se pela crença de que o curso de graduação em psicologia pode proporcionar alívio para o sofrimento emocional, enquanto o segundo surge como um detalhamento do anterior, ao firmar-se sobre a crença de que a cura, nesta área, seria obtida por via da aquisição de conhecimento.

Esse quadro permite concluir que predomina, entre os participantes, uma experiência de sofrimento, cuja cura seria viabilizada pela formação em curso superior.

Cabe a nós, profissionais, formadores e pesquisadores da área da psicologia, conhecendo essa situação, oferecer as melhores condições para que o curso seja bem aproveitado por todos os estudantes. Espero que este livro possa contribuir para isto.

FR



Este livro investiga psicanaliticamente o imaginário de estudantes de psicologia sobre o curso de graduação. Justifica-se por lançar luz sobre os motivos pelos quais a profissão é escolhida, fato que, a nosso ver, merece ocupar a atenção dos professores, instituições de ensino, psicólogos e da sociedade. Organiza-se, metodologicamente, segundo procedimentos investigativos que operacionalizam o uso do método psicanalítico a partir da perspectiva da psicologia concreta blegeriana.

Trabalhamos com narrativas autobiográficas, publicadas por alunos ingressantes de uma faculdade particular e, após sucessivas exposições a este material, usando o método psicanalítico, ou seja, associação livre e atenção flutuante, permitiram a produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocional: "Busca pela cura" e "Cura pelo conhecimento".

O primeiro define-se pela crença de que o curso de graduação em psicologia pode proporcionar alívio para o sofrimento emocional, enquanto o segundo surge como um detalhamento do anterior, ao firmar-se sobre a crença de que a cura, nesta área, seria obtida por via da aquisição de conhecimento.

Esse quadro permite concluir que predomina, entre os participantes, uma experiência de sofrimento, cuja cura seria viabilizada pela formação em curso superior.

Cabe a nós, profissionais, formadores e pesquisadores da área da psicologia, conhecendo essa situação, oferecer as melhores condições para que o curso seja bem aproveitado por todos os estudantes. Espero que este livro possa contribuir para isto.

FR

